



INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO
CAMPUS RECIFE
CURSO SUPERIOR TECNOLÓGICO EM GESTÃO DE TURISMO

DOUGLAS HENRIQUE ALBUQUERQUE DA COSTA

TURISMO, EXPERIÊNCIA E PAISAGEM RECIFENSE:
você abriu meu coração – o livro

RECIFE

2023

DOUGLAS HENRIQUE ALBUQUERQUE DA COSTA

TURISMO, EXPERIÊNCIA E PAISAGEM RECIFENSE:

você abriu meu coração – o livro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Recife - como requisito parcial para a obtenção do título de Tecnólogo em Gestão de Turismo.

Orientadora: Profa. Cláudia da S. Santos Sansil

Coorientadora: Profa. Flávia Viviana Cavalcanti

RECIFE

2023

C837t
2023

Costa, Douglas Henrique Albuquerque da.
Turismo, experiência e paisagem recifense / Douglas Henrique Albuquerque da
Costa. --- Recife: O autor, 2023.
96f. il. Color.

TCC (Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo) – Instituto Federal de
Pernambuco, Recife, 2023.

Inclui Referências e apêndices.
Orientadora: Professora Dr^a Cláudia da Silva Santos.

1. Turismo. 2. Turismo - experiência. 3. Recife -cotidiano. I. Título. II. Santos,
Cláudia da Silva (orientadora). III. Instituto Federal de Pernambuco.

CDD 338.4791 (22ed.)

DOUGLAS HENRIQUE ALBUQUERQUE DA COSTA

TURISMO, EXPERIÊNCIA E PAISAGEM RECIFENSE:

you opened my heart – the book

Trabalho Aprovado, em 15 de fevereiro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cláudia da Silva Santos
(Orientadora/Presidente da Banca)

Profa. Ma. Flávia Viviana Cavalcanti
(Coorientadora)

Profa. Dra. Paula Gonçalves
(Avaliadora Externa/UPE)

Prof. Me. Fernando José Ivo da Silva
(Avaliador Interno)

Recife

2023

Aos meus bisavôs (*in memoriam*):
Maria José e Antônio Albuquerque.
Sempre serão minha referência de:
Amor, resistência e família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e por até aqui ter me ajudado.

À minha mãe, Ivanise Albuquerque, enquanto mãe solteira que transformou dos meus sonhos os seus e conseguiu se desdobrar para que eu pudesse seguir com meus estudos e projetos.

Aos meus amigos, que me acompanham com o passar de tantos anos, suas forças e energias colaboram no meu processo de crescimento. Em ordem alfabética, cito: Alexandre Gabriel, Amábile Marzari, Évilla Marques, José Fernandes, Lehi Henrique, Lívio Fabricio, Mayna Andrade e Rodrigo Victor. Queria ressaltar suas qualidades, mas são muitas que não consigo escolher específicas. Cada um desse se demonstrou uma artéria importante do meu sistema para que eu possa aguentar sorrindo a forte pressão do fluxo da vida.

Ao meu editor Erik Gabriel, por ter confiado e abraçado o livro “você abriu meu coração – A EXPERIÊNCIA”, mesmo sabendo das dificuldades de pegar um projeto no modelo proposto. Agradeço mais uma vez a Lívio Fabricio (fotógrafo) e Rodrigo Victor (capista), que tiveram cuidado, paciência e esmero ao participarem dessa caminhada junto comigo.

À Daniel Thiago e Isis Lyra, pessoas maravilhosas que conheci ao longo da construção desse projeto. Vocês são vulcões criativos de arte e é sempre inspirador estar próximo de vocês. Que a Bisonho Ateliê represente a grandiosidade que vocês conseguem produzir!

À minha família em que tias e primos vibraram comigo com o lançamento desse livro.

À minha orientadora Cláudia Sansil e coorientadora Flávia Viviane... Me faltam palavras por terem aceitado e considerado esse projeto como inovador após minhas dificuldades de conseguir orientadores que entendessem esse projeto. Vocês duas são luzes e energia potente de otimismo e motivação. Obrigado por existirem!

A mim mesmo, por conseguir sobreviver e fazer muito além dos dias de ansiedade.

“Eu tenho uma saudade engasgada, medrosa e impedida/impelida por arrecifes, que seria necessário muito mais que isso. Mais do que qualquer porcentagem que é o quanto essa cidade afunda por ano. Mas estar sempre abaixo do nível do mar, já nos deixa submersos numa ansiedade que quando afundarmos de vez, não terá mais efeito. Até descobrirmos que tudo é um mito e somos apenas uma cidade plana.”

você abriu meu coração – A EXPERIÊNCIA.

Douglas Albuquerque

SINOPSE

O turismo pode proporcionar diversas emoções para quem o vive, mas a experiência surge e acontece de forma espontânea de acordo com os equipamentos que o local proporciona, muito além dos planejamentos. Esse trabalho, escrito em primeira pessoa, apresenta a cidade do Recife como um expoente de emoções, que formam “microvidas” que são contadas de formas artísticas. É esse recorte de universo que inspira a escrita e lançamento do livro “você abriu meu coração – A EXPERIÊNCIA”, obra poética do mesmo autor dessa pesquisa científica. Nele podemos ler e evidenciar experiências vívidas ou observadas, de forma romântica ou ficcional, de como é a vida na capital pernambucana. Com o apoio do método cartográfico, em que o autor elabora um mapa de pesquisa que o aproxima de forma pessoal da sua dissertação, foram entrevistados artistas locais, que a partir das suas respostas foi permitida a criação de tópicos que ajudassem a dissecar o livro. Esse estudo profundo do cotidiano recifense é realizado com o apoio de teses e reportagens, que trazem estudos que comprovam a correlação e tradução poética do autor. É importante pontuar que a experiência também foi marcada na intenção de realizar um projeto inovador como esse. Em que o “produto final” veio no início e posteriormente foi estudado; em que os tópicos vêm são títulos de músicas e formam uma playlist; e principalmente que existe poesia na ciência, no estudo e na vivência da cidade do Recife.

SYNOPSIS

Tourism can provide different emotions for those who experience it, but the experience arises and happens spontaneously according to the equipment that the place provides, far beyond planning. This work, written in the first person, presents the city of Recife as an exponent of emotions, which form "microlives" that are told in artistic ways. It is this universe that inspired the writing and launch of the book "você abriu meu coração – A EXPERIÊNCIA", a poetic work by the same author of this scientific research. In it we can read and highlight vivid or observed experiences, in a romantic or fictional way, of what life is like in the capital of Pernambuco. With the support of the cartographic method, in which the author elaborates a research map that brings him personally closer to his dissertation, local artists were interviewed, who from their answers allowed the creation of topics that would help to dissect the book. This in-depth study of Recife's daily life is carried out with the support of theses and reports, which bring studies that prove the correlation and poetic translation of the author. It is important to point out that the experience was also marked by the intention of carrying out an innovative project like this. In which the "final product" came at the beginning and was later studied; what topics come from are song titles and form a playlist; and mainly that there is poetry in science, in the study and in the experience of the city of Recife.

LISTA DE SIGLAS E ABREVEATURAS

CATU – Coordenação de Turismo

DACS – Departamento dos Cursos Superiores

FUNCULTURA – Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura

IFPE – Instituto Federal de Pernambuco

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

OMT – Organização Mundial do Turismo

ONU – Organização das Nações Unidas

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Atendimento às Micro e Pequenas Empresas

SDS - Secretaria de Defesa Social

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

“VAMC” – Você abriu meu coração (Sigla usada para definir a obra-apêndice)

ZEPA - Zona Especial de Proteção Ambiental

FIGURAS

Figura 1

O Recife d'oi	57
---------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1

O Recife em que observo a relação do tempo, do cotidiano e o indivíduo31

Quadro 2

O Recife poético, inspirado e referenciado 43

SUMÁRIO

1 TENHO ALGO A DIZER-TE – REGINALDO ROSSI	14
2 ALZIRA E A TORRE - LENINE	20
2.1 ALZIRA	20
2.2 E A TORRE	20
3 PRO MUNDO OUVIR – DUDA BEAT	21
3.1 PEDALANDO – ACADEMIA DA BERLINDA	21
3.2 UM SONHO & NOVAS AURORAS – NAÇÃO ZUMBI	24
3.3 PELAS RUAS QUE ANDEI – ALCEU VALENÇA	27
4 TEOREMA - OTTO	30
4.1 SÓ QUERIA DESABAFAR – RAPHAELA SANTOS	32
4.2 – O MAIS VENDIDO – MOMBOJÓ	34
4.2.1 – PONTES	37
4.2.2 – RIOS	38
4.2.3 – OVERDRIVES	38
4.3 – AQUI (OU MEMÓRIAS DO CÁRCERE) - CORDEL DE FOGO ENCANTADO	40
4.3.1 – PAPAMETRALHA - MAYA	41
4.3.2 – A CIDADE – CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI	45
4.3.3 – DIA A DIA – ACADEMIA DA BERLINDA	48
4.3.4 –COMPANHEIRO SOLIDÃO – LIA DE ITAMARACÁ	52
4.3.5 – RECIFE – ALCEU VALENÇA	55
5 FIM SEM PONTO FINAL – PRISCILA SENNA	59
DIZ PRA MIM & LERO, LERO – KELVIS DURAN	61
APÊNDICE I – OS TRÊS PRIMEIROS CAPÍTULOS DO LIVRO	70
APÊNDICE II – ENTREVISTA COM O FOTÓGRAFO SANDIR COSTA	86
APÊNDICE III – ENTREVISTA COM O CANTOR E COMPOSITOR WEL	90
APÊNDICE IV – ENTREVISTA COM O DESIGNER JOÃO	93
APÊNDICE V – ENTREVISTA COM O CINEASTA PEDRO FERREIRA	96

1 TENHO ALGO A DIZER-TE – REGINALDO ROSSI

O indivíduo ao longo da sua vida coleciona vivências, memórias e experiências, que podem ser compartilhadas, esquecidas ou registradas. Essas histórias que podem ser verbalizadas, ou não, são resultados da interação do ser com suas emoções e o meio externo. Mesmo que ele esteja sozinho no quarto ou caminhando no centro da cidade, ou qualquer outro tipo de relação com a paisagem. Porém, viagens ou grandes deslocamentos, permitem maiores entusiasmos, curiosidades e empolgação para passeios que apresentam novos formatos, propostas e vivências.

Partindo do pressuposto que o turismo é “o conjunto de atividades realizadas em grandes deslocamentos ou fora do meio habitual do indivíduo por menos de um ano afins ao lazer, aos negócios e outros” (OMT, 1994, apud, OLIVEIRA, 2014). O turista volta dessa viagem, com muito mais do que *souvenirs* ou fotografias, carrega sua experiência do que foi estar em um local fora da sua casa. “[...] o turismo de experiência tem despertado a atenção dos viajantes. Trata-se de viagens com experiências individuais e exclusivas, [...] para garantir histórias singulares.” É a partir desta reflexão do jornalista Pedro Jordão, em reportagem do ano de 2021, que chegamos ao cerne deste projeto, desenvolver histórias e narrativas acerca de uma experiência na cidade do Recife reunidas em um livro chamado “Você abriu meu coração: A EXPERIÊNCIA”.

Este livro é escrito e produzido por mim, em que neste trabalho me divido tanto enquanto autor literário quanto acadêmico. Foi desenvolvido em um momento que residia no município de Caruaru (agreste pernambucano, distante 120 Km da capital Recife), e virei turista na cidade do Recife, logo tendo uma frequência menor de vivência na cidade e tendo momentos que se refletiam mais como passagens. Essa nova interação, me fez ter uma nova percepção da cidade, aguçando meu ponto de vista sobre alguns pontos, e até me fazendo ter uma visão mais empática em meus momentos de visita. Nessas viagens que ocorriam, eu escrevia textos nos mais diversos formatos: poemas, contos, composições, crônicas e afins, em que eu utilizava tanto da minha perspectiva quanto do outro, utilizando elementos reais quanto ficcionais. Com o passar dos meses, notei que esses textos tinham um padrão: a vivência e o ar do Recife, o que me fez decidir compilar todos esses trabalhos e

condensar em um único projeto. Com título final de “Você abriu meu coração: A EXPERIÊNCIA” se tornou o projeto de lançamento do meu primeiro livro, totalmente autoral, uma antologia de textos inspirada no cotidiano da vida recifense, em cenários da Região Metropolitana do Recife, com fortes influências e referências da música local. A obra se encontra como um experimento por transitar em diversos gêneros e estruturas textuais, porém com o mesmo eu-lírico de quem está em um processo de recuperação seja na vida acadêmica, profissional, amorosa ou pessoal.

Enquanto estudante que, frequentemente, pega ônibus, engarrafamentos e enfrenta dificuldades para chegar ao *Campus* Recife do IFPE, principalmente nos horários de picos; observava junto com meus colegas que chegávamos cansados para assistir à aula, mas como arrumávamos tempo para desabafar, nem que fosse rapidinho. Conversávamos e estudávamos assuntos bem diferentes, mas que pareciam se costurar de acordo com nosso cotidiano inserido na Região Metropolitana do Recife. Nesses momentos, ao falar (ou até mesmo lembrar) do que escrevia, percebia como eu conseguia tocar e “conversar intrinsecamente” com o outro. Foi uma das minhas motivações de realizar este Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, que tão cheio de poesia traduz vivências e realidades, e consigo transformar um trabalho acadêmico que se torna uma companhia ao ser estudado.

“A EXPERIÊNCIA” é o resultado de toda produção cultural e artística que já faz parte da dinâmica da capital pernambucana, em que a arte não está presente só na identidade do povo, mas, como também, na sua economia e em sua paisagem. Essas características são melhores exemplificadas quando observamos, ao longo da cidade, estátuas de poetas que formam o Circuito da Poesia (TURISTA IMPERFEITO, 2021) e a Condecoração da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, em 2021, elegendo Recife como ‘cidade da música’ (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2021). Fatos esses que colaboram para também explicar como a região sempre é um destino turístico lembrado, ainda mais pela sua produção cultural e artística.

Com essa base sobre a cidade do Recife, que consegue levar essa essência para suas cidades vizinhas, minha obra pega aporte na produção como um desabafo e escape das emoções que emergem em meio ao caos da dinâmica dos relacionamentos. Dando espaço às narrativas que usam a cidade não só como um cenário, mas também como agente produtor de sentimentos.

É a partir desses sentimentos que, quando eu estava pensando sobre qual seria meu trabalho de conclusão de curso, surgiu a ideia de falar da cidade da sua forma mais poética, unindo a vivência com a sua paisagem, sobre quais são as emoções, valores e sensações que passam para aqueles que estão experimentando o ar recifense seja de forma breve ou não.

Essa obra literária se classifica como um produto multimídia, já que em sua composição podemos encontrar: hospedagem de e-book na Amazon, impressão de cópias físicas, encarte digital e confecção de vídeos publicados em formatos de reels no Instagram.

Ao compreender o foco e desenvolvimento do livro, pode-se perceber como o produto é resultado do quanto uma experiência, junto com determinada paisagem, é causada a partir do deslocamento de um indivíduo gerando registros socioespaciais. Definir uma experiência se torna relativo, por ser bastante individual e única, mas também não impede de analisarmos e questionarmos o que leva o indivíduo a registrar, publicar e estruturar suas vivências. Por isso, ao discorrer desse projeto, pode-se questionar o aporte que uma experiência permite à formação de um projeto e o quanto ela é importante para que os indivíduos se motivem enquanto produtores de emoção(?).

Produzir um livro, composto por várias narrativas a partir de uma experiência, faz parte de um processo de tradução de emoções que tentam se encaixar com interações de um cotidiano. Faz com que este permita ser o resultado de uma pesquisa científica e social, registrando o que "algo" pode passar para alguém. Reunindo, também, minha formação e articulando com os saberes vivenciados em sala de aula.

Nessa dissertação, o "algo" se caracteriza como o recorte geográfico da cidade do Recife e seus intermédios; que com suas mudanças urbanas e planejamentos sociais causam impactos não só nas paisagens como, também, na emoção daqueles que vivem em suas localidades. Os que se sentem mais à vontade para exemplificar causas e fatos são os produtores de conteúdo, sejam de cunho jornalístico, científico ou cultural. Esse último citado, que traça um viés poético e crítico, estrutura as vivências de artistas da cidade. Como, por exemplo, Nação Zumbi (1994) traz na letra de "A Cidade": "Num dia de sol Recife acordou com a mesma fedentina do dia anterior".

Avaliar esses registros poéticos nos permitem até melhor exemplificar a discussão do ser com o meio externo em que vive, as experiências que esse local pode causar sejam elas românticas ou políticas, assim melhor pontuando as experiências e inspirações de mais artistas da cidade que irão expor, através de um grupo focal, como método de coleta de dados. Será que através de suas artes, são expostas expressões confusas que acompanham uma dinâmica social? A capital pernambucana permite experiências mais enfáticas aos "experimentadores"?

Em contraponto ao turismo de massa, o turismo de experiência orienta seus turistas ao se concentrarem em experiências que podem ir além dos lugares famosos e procurados. Mas, também, não deixa de proporcionar a experiência vivida, registrada e exposta em lugares que podem se configurar como destinos ou não, apenas ao passear ou viver a paisagem através de suas avenidas, prédios históricos, ambientes naturais ou manifestações culturais. Registrar uma experiência, como "Você abriu meu coração", pode ser considerado como um recorte temporal e emocional vivido na cidade do Recife a partir do olhar de um turista, e tenta passar sentimentos que considera como intrínsecos à cidade; buscando comprovações a partir da interação de outros produtores de arte do local.

"Eu lembro da moça bonita da praia de Boa Viagem e a moça no meio da tarde de um domingo azul [...] e foi justamente pra ela que escrevi o meu primeiro blues" é uma exemplificação de como um indivíduo, neste caso um cantor, expõe sua visão baseada em suas lembranças causadas por uma experiência vivida em um determinado local. Alceu Valença, em sua composição intitulada "*La Belle De Jour*" de 1992, usa referências da paisagem, da experiência, do movimento entre lugares para assim criar sua narrativa que sobrevive ao tempo pelo seu impacto não só cultural, como também poético.

Esse breve embasamento serve para demonstrar a inquietude que alguém pode ter em um determinado momento, permitindo entender experiências marcadas, visões de diferentes ângulos, opiniões que convergem ou divergem sobre determinada região. Aqui, foi utilizada uma composição como exemplo, mas que vários registros existem para marcar esses momentos: histórias (A Emparedada da Rua Nova de Carneiro Vilela de 1909-1912), Assombrações do Recife Velho, Gilberto Freyre de 1955), vídeos (Recife Frio de Kleber Mendonça Filho de 2009), pinturas ("Eu Vi o Mundo, e ele começava no Recife" do poeta Cícero Dias de 1926), entre outras

categorias artísticas, ou até mesmo signos do cotidiano modificados a um contexto, como cadeados presos nas grades das pontes.

Esses costumes e registros, ajudam-nos a entender dinâmicas sociais, como vive um segmento populacional, interações socioemocionais e afins. Colaborando para cientistas sociais ou apenas curiosos, não só perceberem a evolução humana, como também ela expõe suas vivências.

Não se torna importante apenas estudar esses registros, mas também criá-los. O atual trabalho ao dissertar sobre turismo, experiência e paisagem, expõe a inspiração de artistas locais recifenses a partir de suas histórias e referências. Como, também, o resultado final desse trabalho, “Você abriu meu coração: A EXPERIÊNCIA”, faz um passeio pelas imediações da capital pernambucana mapeando emoções e sentimentos que essa cidade pode proporcionar.

Entender a experiência e sentimentos de um público, colabora para que planejamentos, planos e produtos sejam melhor direcionados. Assim, o marketing se utiliza de suas artimanhas; como também o turismo, que, além de um viés de lazer, possui o econômico, melhor direcionando seus destinos e produtos turísticos. Citar “*La Belle De Jour*” é demonstrar que o registro poético é parte da vontade de se expressar, que surgiu nos 8 km da praia de Boa Viagem. Sentimentos como esse podem experienciar em um turista ou visitante em seu momento de interação com a paisagem, permitindo sua melhor compressão do local.

Aqui, peço licenças à Academia para realizar, neste trabalho, uma “ABNT poética”, em que a experiência e as emoções irão marcar, desde citações, a título dos capítulos, criando uma estrutura mais fluida e artística. Ainda utilizando o pronome pessoal de “primeira pessoa do singular” ao discorrer do texto para, assim, exista mais originalidade ao dissecar este livro e melhor ter propriedade para utilizar o método cartográfico, que permite a aproximação do autor nos processos e no desenvolvimento de colheita e discussão dos seus dados, e exige a sua implicação em todo o processo.

Para o desenvolvimento deste projeto, memorizo o nome de artistas que foram essenciais para criar a ambientalização inovadora desta pesquisa, bem como a sua ligação com o produto final e sua estruturação, em termos de se permitir relatar experiências e traduzir emoções nas suas particularidades: Academia da Berlinda

(banda), Almério (cantor), Banda Eddie (banda), Carneiro Vilela (escritor), Chico Science & Nação Zumbi (banda), Cícero Dias (pintor), Clarice Lispector (escritora), Conde do Brega (cantor), Gabriel Mascaro (cineasta), Geraldo Azevedo (cantor), Gilberto Freyre (escritor), Hebert & Mazili (cantores), Kelvis Duran (cantor), Kleber Mendonça Filho (cineasta), Luiz Gonzaga (cantor), Priscila Senna (cantora), Raphaela Santos (cantora), Reginaldo Rossi (cantor), Tunga (escultor) e Zé Ramalho (cantor).

Neste espaço, pontuo que escrever um Trabalho de Conclusão de Curso, também, se constitui como uma experiência. Uma forma de encerrar um ciclo que sempre é lembrado por ser desafiador, ainda mais quando o tentamos fazer de forma experimental, com emoções, poesias e espiritualidade que chegam para florear essa estrutura. E fico feliz de colocar como APÊNDICE I deste TCC, os três primeiros capítulos de “Você abriu meu coração – A EXPERIÊNCIA”. Afinal, livro e estudo não se dissociam, ao contrário, estão em diálogos permanentes: um não existiria sem o outro!

2 ALZIRA E A TORRE - LENINE

Apresentam-se nesse item os objetivos que conduziram este trabalho:

2.1 Alzira

- Registrar experiências de um autor e sua relação com a região da cidade do Recife lançando um livro literário que estimule o turismo de experiência.

2.2 E a Torre

- Relacionar a influência da paisagem com a vivência de um turista ou de um visitante.
- Dissertar acerca do turismo de experiência e a sua potência em atrair mais pessoas à cidade.
- Pontuar experiências e inspirações de artistas da cidade como produtos turísticos.

3 PRO MUNDO OUVIR – DUDA BEAT

3.1 Pedalando – Academia da Berlinda

A atividade de viajar e se deslocar sempre fez parte da atividade humana desde a nossa pré-história, quando éramos um povo nômade, e evoluiu de acordo com as necessidades humanas ou motivações que marcaram a história, pode-se citar de passagem desde as cruzadas, os êxodos e as grandes navegações exploratórias. Fatos esses que mais tarde colaboraram para estudiosos melhor compreender e estudarem as definições e moldes que o turismo poderia tomar ao ponto de se tornar o ramo de atividades que ajudaria a definir a economia de cidades ou países.

É por volta da década de 1940 que os primeiros cientistas do turismo, na Europa, começam a traçar seus estudos, principalmente por ser nos países europeus, que a prática do turismo pôde se desenvolver com mais força como reação do avanço da indústria (PANOSSO NETTO, 2013). Essas pesquisas iniciais poderiam se basear em uma vertente sociológica: analisando os deslocamentos e as mudanças que eles causavam nas pessoas nas dimensões educacionais, culturais e afins; como também na vertente econômica: analisando formas de facilitar e propiciar o aumento de tráfego, transformando em um segmento econômico.

Traçar vertentes que poderiam melhor entender o turismo, ou dando mais de um significado ao mesmo, permite a análise do quão amplo o assunto pode ser e onde pode ser aplicado. Isso permitiu que teóricos pudessem continuar com seus estudos de acordo com o espaço-tempo que desenvolviam suas aplicações, como podemos ver:

Turismo é todo o equipamento receptor de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias. [...] Turismo são as organizações privadas ou públicas que surgem para fomentar a infraestrutura e a expansão do núcleo. (FUSTER, 1971, apud PANOSSO NETTO, 2013).

O turismo é visto como processual, burocrático, um sistema que ganha forma quando começa surgir uma cadeia econômica que gera desenvolvimento,

cujas conexões criam interações e trocas entre humanos que estão espalhados pelo mundo, como podemos ver a seguir:

Uma atividade humana intencional que serve como meio de comunicação e como elo de interação entre povos, tanto dentro do mesmo país como fora dos limites geográficos dos países. [...] Para o país receptor, o turismo é uma indústria cujos produtos são consumidos no local, formando exportações invisíveis. (PANOSSO NETTO, 2013, p.53 apud WAHAB, 1977, p.46ud).

E, por estarmos falando de relações humanas, que geram lucros e desenvolvimento econômico, essas relações também precisam ser vistas nas suas particularidades. Aquela pessoa que faz parte de uma grande “engrenagem”, é por sua vez, um “parafuso” que também precisa ser visto e compreendido nesse sistema.

Turismo é o conjunto de relações e fenômenos nos decorrentes das viagens e estada de forasteiros, desde que não vinculados a alguma atividade produtiva nem com residência permanente no destino. (HUNZIKER, KRAPF, 1942, 23 apud PANOSSO NETTO, 2013, p.58).

Com os vieses econômicos, sociais e culturais que se articulam e definições amplas que vão surgindo, a OMT (Organização Mundial do Turismo) uma agência especializada da ONU (Organização das Nações Unidas), e que agrega valores e acolhimento às diversas regiões do mundo, apresenta-nos uma definição técnica que se torna a base para os estudos da contemporaneidade:

o conjunto de atividades desenvolvidas por pessoas durante as viagens e estadas em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, negócios e outros. (OMT, 1994, apud OLIVEIRA, 2014, p.34).

Entre as definições que podem divergir ou convergir, e que podem ir bem mais além das listadas neste estudo, o ponto que as tornam comum é o “deslocamento”, o indivíduo que se desloca por um período de tempo independente de suas intenções. Para este trabalho, é utilizado e concentrado justamente na pessoa que se desloca, que se move, que ocupa seu papel enquanto turista seja de forma breve ou até não intencional. Esse que em seus momentos de lazer ou negócios, pode aproveitar o turismo nos seus mais

diversos segmentos que surgiram ao longo do tempo, como: ecoturismo, Turismo de Sol e Praia, de Aventura, Rural, Hospitalar, de Negócios e tantos outros (AZUL, 2018).

Essas ramificações que o turismo tem tomado, de acordo com o seu foco de destino, é uma exemplificação de como ele continua crescendo e acompanhando seus consumidores, ganhando novas “formas”, se entrelaçando com políticas públicas e investimentos, como também ganhando inéditas concepções daqueles que o produzem ou o consomem. Como sinalizam Costa e Ramos (2017, 25) “O seu desenvolvimento em torno de produtos turísticos é substituído por uma nova perspectiva de valorização das experiências e sensações adquiridas pelos turistas nos locais que visitam.”

Citar sobre “experiências e sensações” é algo importante, pois essa parte interna do ser humano é levada em consideração no meio desse ramo econômico, no formato de “Turismo de Experiência”. Que por mais que exista o valor de troca monetária, os planejamentos e pacotes são pensados não apenas no trajeto do turista, mas em como ele irá se sentir e se conectar com o local.

Para o Sebrae (2015) “o turismo por si é uma atividade intrinsecamente experiencial, pois o indivíduo sai do seu local habitual para viver no espaço de outros, diferente da sua rotina.” O que permite que o Turismo de Experiência seja um nicho que possa se entrelaçar com os outros tipos de turismo, pois o que está em foco não é o destino apenas em si, mas a relação e conexão das pessoas. Assim, alguns autores defendem o Turismo de Experiência como sendo a possibilidade de “(...) vender o destino como experiência memorável a ser seguido e lapidado a cada realidade de forma a fortalecer o Destino no Brasil e toda cadeia produtiva do turismo. Deixemos de pensar que somos país mais lindo do mundo (PANOSSO NETO, 2019, p. 51 apud CARVALHO, 2005, p. 34).

Ao refletirmos sobre a potência da indústria do turismo, não podemos deixar de mencionar que, para mim e outros colegas de Curso, o primeiro estágio ou o emprego proporcionado pela formação acadêmica, torna-se uma experiência. Retornando ao conceito do Sebrae (2015), a experiência do ser não precisa ser necessariamente planejada, pode surgir naturalmente com o envolvimento deste com a paisagem. Permitindo que o próprio turista crie seus destinos e roteiro de lugares os quais possam lhe permitir as sensações

desejadas. Fazendo com que, independente para onde seja, o deslocamento dos visitantes e dos turistas seja tratado com experiências individuais e exclusivas, garantindo narrativas e registros particulares e singulares, sejam eles vividos de modo coletivo ou pessoal.

Nesta espontaneidade, atemo-nos ao termo do turista experimental, aquele que não espera pelo que vem. Como, por exemplo, andar de bicicleta em um dia comum na já conhecida (ou não) cidade. Na narrativa da música “Pedalando” (2016), da banda olindense Academia da Berlinda, o ser humano é um observador e participante do mecanismo de funcionamento da cidade, na dinâmica daquele lugar experimenta um pouco das sensações as quais lhe são passadas, além das emoções que já têm dentro de si. Ele observa, mas, também, sente o tempo de espera que o trânsito lhe proporciona, durante o seu trajeto, como ainda provoca que o outro personagem o espere chegar depois de sair desses engarrafamentos da vida.

3.2 Um Sonho & Novas Auroras – Nação Zumbi

Ao falar de “experiência” podemos direcioná-la a qualquer ramo de atividade cujas pessoas sejam o seu foco, mais para ter suas experiências sejam quaisquer e em diferentes dimensões. Mas trazer o termo “experiência” é logo jogar questionamentos, tais como: podemos a definir? A estruturar? Ou, prever seus resultados? Se sim, a resposta vem daquele que a vive.

Quando vamos para o dicionário definir “experimental”, encontramos definições como: 1 – Submeter à experiência; pôr a prova. 2 – Praticar, executar. 3 – Sentir, suportar, conseguir, tentar. 4 – Ser vítima de. 5 – Sofrer, suportar (MINIDICIONÁRIO ESCOLAR, 2017), assim compreendendo o sujeito que está se propondo a algo. E para melhor embasar e expandir o universo em que ele vive, algumas definições percorrem da palavra “experimento”, apresentando: 1 – Conhecimentos/aprendizados que são adquiridos com a prática/vivência. 2 – Testes realizados de formas experimentais, são as tentativas. 3 – O modo de aprendizado que é aperfeiçoado com o passar do tempo. 4 – E todo conhecimento adquirido com a utilização dos sentidos (DICIO, 2021). Com essas definições mais técnicas é interessante, e quase lógico, pontuar que o ato de ser

humano e crescer já nos torna atores de uma constante experiência particular e social.

Nesses pontos, podemos continuar percebendo que em comum é como esse experimento se aplica de forma interna com aquele que o vive ou reage. Em uma visão antropológica de Turner (1986) citado em pesquisa de Vianna e Pezzi (2015, p.167), “a experiência é uma forma de suspensão das relações cotidianas, a interrupção dos papéis, em que o sujeito sofre um estranhamento em relação ao que lhe é familiar.” Essa quebra de ruptura é o que marca o ser, em uma vivência que independente dos seus resultados, será o que fará esse protagonista refletir, reagir ou repassar para os outros.

Nessa mesma pesquisa de Vianna e Pezzi (2015), é interessante citar o “drama social” apresentado por Turner (1986), em que após essa experiência podem haver reações diversas, seja desde um recomeço, uma ressignificação surge a partir da volta ao cotidiano, ou uma ruptura com definições anteriores, quebras que se tornam irremediáveis. Fatos que podem levar o ser a um conflito, não necessariamente ruim, mas por apenas apurar os resultados pelo o experimento, esse que pode surgir até de modo espontâneo.

Aplicado a esse trabalho, o “drama social” é visto como uma motivação do que leva o ser a gerar registros e desejar externá-los, como uma forma de desabafo ou de demonstração por querer trocar com os outros e esses tenham a prova do seu experimento. Utilizando de formatos poéticos ou textuais, para que, desta forma, seu “drama” não viva apenas dentro de si.

Até porque esse “drama” por ser individual, não permite um parâmetro estrutural para questionarmos o seu tempo de duração. Mas que podemos entender, como são suas reações e impactos nas pessoas de acordo com a relação do seu deslocamento, como podemos ver no quadro a seguir baseado em pesquisa de Vianna e Pezzi (2015).

Quadro 1 – O Recife em que observo a relação do tempo, do cotidiano e o indivíduo

Tempo	Relação com o Cotidiano	Aplicação de Vianna e Pezzi (2015)	Aplicação do Autor
Pré-deslocamento	Cotidiano	<p>“viagem começa antes de seu próprio início temporal, quando se planeja o local, período, companhia. Neste ponto, pode-se ser inundado pela ansiedade, expectativa, imagens, informações, opiniões, lembranças de experiências anteriores, etc” (VIANNA, PEZZI, 2015, p.169).</p>	<p>O pré-deslocamento é marcado pela ansiedade e expectativas que podem surgir no ser. Juntando elementos que irão compor seu experimento, seja de coisas que compõem uma mala até de vontades que surgem para o que planeja fazer durante.</p>
Durante o Deslocamento	Não-Cotidiano	<p>“durante esta microvida, como cita Grabum (1989), o turista navega por diversas emoções, que podem trazer à luz experiências passadas e, ao mesmo tempo, serem a todo o momento confrontado com as expectativas criadas na fase anterior. De certa forma, o retorno da viagem se inicia antes do seu fim. Quando a viagem chega próxima do seu final, o indivíduo é forçado a encontrar-se consigo mesmo e ser lembrado de seu papel anterior, mesmo que possa ter havido um ressignificado nesta passagem”. (VIANNA, PEZZI, 2015, p.169)</p>	<p>Utilizar o termo “microvida” se torna um sinônimo de “recorte temporal”, porém com um viés emocional. Justamente por essa viagem propor um início, meio e fim, que se aproxima mais com um ciclo de vivência do que um recorte isolado. Nesse caso, leva-se em consideração principalmente a relação e resultados que o experimento já começa a ter bem antes que acabe. Propondo a quem vive, já um novo tipo de ansiedade, por desejar que algo não tenha fim.</p>
Pós Deslocamento	Cotidiano	<p>“quando reintegrado à sua rotina, à sua vida cotidiana, pois a viagem não termina ao chegar. A experiência vivida é capaz de perdurar por mais algum período, provavelmente sendo expressa por meio de narrativas, fotos, lembranças, conversas com amigos, entre outros” (VIANNA, PEZZI, 2015, p.170)</p>	<p>Esse, talvez, o que pode soar um pouco mais duro e difícil, por nem todos estarem preparados para o término ou fim de algo. E os resultados obtidos, levando em consideração principalmente em como o indivíduo pretende utilizar seus registros. Os guardando ou divulgando?</p>

Fonte: Adaptado Vianna e Pezzi (2015)

É a quebra da banalidade gerando todo esse “drama” podendo surgir, desde antes ao depois, por questionamentos emergidos ao longo de todo o ciclo. A relação e conectividade que faz o indivíduo expor suas satisfações e vivências, criando correlações que irão permitir-lhe buscar por mais.

É dessa brecha que o “turismo de experiência” surge para propor a individualidade e memória proporcionados por viagens, aquisição de produtos turísticos, entre outras experiências. Por isso, o colocam como contraponto do “turismo de massa” porque o foco não é o destino turístico ou suas composições, mas sim quem irá até lá fazer parte dela.

3.3 Pelas Ruas que andei – Alceu Valença

Ao falarmos de paisagem, vários conceitos podem passar pela nossa cabeça e até definições próprias podem surgir. Estamos em contato direto com ela, fazemos parte dela e, por muitas vezes, também a elaboramos. Seja natural ou modificada, a interação das pessoas com o meio se faz até como um cursor dos moldes a se ter, sendo reflexo das necessidades humanas assim como reações de quem a modificou. Curado (sd) enfatiza como essas transformações são de cunho social e acabam influenciando aspectos culturais, econômicos, entre outros.

Ao buscarmos as definições em pesquisas, os sentidos do ser humano são sempre postos como pontos que o define, como podemos ler: “Paisagem é o que os nossos sentidos depreendem da parte de um espaço, ou seja, as sensações que determinado local nos transmite.” (TODA MATERIA, sd) e “Ela é definida como tudo aquilo que nós podemos identificar e interpretar por meio dos nossos sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar) em um determinado lugar.” (BRASIL ESCOLA, sd). Ao citar os sentidos humanos e sua relação com o meio, é perceber que não podemos separar os dois, as transformações que acontecem de tempos em tempos são mútuas e reativas, em que um sente o resultado do outro.

De modo resumido, paisagem “são os aspectos perceptíveis do espaço geográfico” (PENA, sd). Que com suas composições de passado e presente, além da interação com humanos, ajuda a definir a identidade dos mesmos que

a habitam. Justamente por assim influenciar em seus comportamentos, costumes e modo de pensar, criando aportes e bases para a criação de culturas que podem conseguir, ou não, perpassar o tempo.

Essas relações podem ser pontuadas para análises por “indivíduo-paisagem” e “indivíduo-paisagem-territorialidade”, relações que podem ser medidas por símbolos, memórias e vivências através dos espaços dos sujeitos (MIRANDA, NABOZNY, 2014). Estes autores enfatizam em como as características identitárias dos indivíduos e da paisagem permitem o surgimento de “paisagens culturais e/ou identitárias.”

Esses aspectos que são perceptíveis junto da relação do indivíduo (tanto com a paisagem e territorialidade) colaboram com a identificação dos locais, e a permissão que neles possam ocorrer dinâmicas sociais. Alceu Valença, em “Pelas Ruas Que Andei” (1982), a sua caminhada é traçada em locais que podem ser vividos e logo haver uma aplicação da sua vivência na paisagem.

Para melhor exemplificar tais colocações, cito alguns pontos da cidade do Recife que demonstram essa relação: o já mencionado “Circuitos dos Poetas”, que possui estátuas de escritores ao longo da cidade demonstrando a proximidade do local com a literatura (TURISTA IMPERFEITO, 2021); o Museu Paço do Frevo, um centro de referência pesquisas, projetos e atividades de documentação, formação e difusão. Estas ações colaboram para manter o frevo enquanto manifestação cultural (PREFEITURA DO RECIFE, sd); e o Cinema São Luiz, um cine teatro de rua, inaugurado em 1952, permanece em atividade e, atualmente, tombado por sua importância cultural (FIGUEIROA, sd). O espaço tornou-se abrigo ao consagrado Festival de Cinema de Pernambuco.

Entre os tantos signos e símbolos que demonstram a relação da sua sociedade e enfatizam a paisagem; esse ambiente permite a quem o viva, não apenas o veja, mas também o sinta, demonstrando a criação de pertencimento surgida em sua população (MIRANDA, NABOZNY, 2014). Esse “ver”, “perceber” e “sentir” permitem, não só aos seus moradores, como aos turistas e visitantes experiências que as localidades podem proporcionar. Cada lugar tem seus signos e símbolos característicos que permitem experiências individuais aos seus passageiros.

É neste momento que os sentidos humanos são reativos ou proativos ao que vêm, ao que sentem, completando experiências que os deslocamentos podem causar. Com o turismo se fazendo presente no passar da paisagem pela janela, enquanto na Região Metropolitana do Recife, um morador sai do município do Cabo de Santo Agostinho para resolver algo, na cidade de Olinda, pode ter e reviver vivências observando o trajeto. Por isso, se torna importante que governos criem referências, signos e símbolos em seus territórios, para que possam dar mais oportunidades de experiências a quem passa, tornando-se um destino turístico e principalmente um local de escolha, àqueles que têm curiosidade de visitar a partir daquilo que ouvem ou percebem.

Ou seja, andando como Alceu Valença ou pedalando como Academia da Berlinda, aqui, podemos sentir que o turismo de experiência pode acontecer de modo espontâneo, com uma experiência que surge da vivência e conexão com a paisagem que nos cerca.

4 TEOREMA - OTTO

De início, tentei classificar este trabalho nos detalhamentos que modelos tradicionais e cartesianos “obrigam”, mas que pelo o ineditismo no desenvolvimento da minha escrita, percebi, junto com minha orientadora, que não seria adequado e viável “encaixá-lo” em “classificações” ou “caixas”. Até concordamos, o estudo flerta com a pesquisa exploratória, por explorar e percorrer por determinado tema, buscando levantar hipóteses sobre o objeto escolhido, permitindo até que outras pesquisas possam, também, percorrer estas pistas, conforme nos ensina o método cartográfico.

Tais reflexões, juntamente com minha orientadora, fazem parte da análise desta pesquisa: não se preocupar em quantificar, qualificar algo, e sim apresentar as experiências e acompanhar processos sobre o universo do construído e inspirado, fazendo a pesquisa não se enquadrar nos métodos tradicionais. Desta maneira, optei em assumir a posição de um cartógrafo e utilizar o método da cartografia, para além da dimensão metodológica do estudo, presente na elaboração do texto mais artístico do que acadêmico!

Como ensina Kastrup (2012), este método exige a aproximação do pesquisador com o pesquisado já que seu universo de estudo faz parte de sua vivência. Com esse modelo, o autor pode falar com mais propriedade desse campo, pois a personalidade da sua experiência é colocada em prática. Assim, este agente pode criar mapas poéticos, tendo autonomia para ordenar e construir a estrutura de desenvolvimento de sua pesquisa. Fazendo com que essas associações possam melhor embasar sua dissertação, já que a cartografia lhe insere como um ser que absorve e lança para o mundo contribuições acerca deste universo proposto.

De acordo com Souza e Francisco (2017) baseados na pesquisa de Barros & Kastrup (2012), para se trabalhar com o método cartográfico é preciso levar em consideração dois pontos:

- Acompanhar processos: que levam em consideração os processos e a intervenção que orientam a prática, não metas e objetivos que são previamente definidos. Não que deixe de lado os propósitos, mas eles são

móveis e vão sendo desdobrados ao que se vai pesquisando. Tendo assim a importância de intervir na realidade, não apenas representá-la. Em que os envolvidos nas pesquisas se encaixam em um processo amplo, criando uma conexão de "pesquisador-pesquisados-campo" dentro do ato de pesquisar.

- Dimensão do comum: Essa evidência as singularidades, a reunião do mundo comum, heterogeneidades e o que é diverso. Traz o entendimento da realidade complexa e em movimento. É a análise e compreensão do pertencimento, é ter noção da dimensão do real.

Ao desenvolver este trabalho, posso exemplificar minhas experiências com os achados de Barros & Kastrup (2012), pois acompanhei e fiz parte dos processos, a partir do momento em que escrevi textos e apliquei entrevistas a outros artistas da cidade, assim criando conexões mais fortes no desenvolver desta escrita; como também realizei o dimensionamento do comum quando dessas entrevistas procuro pontos afins e, depois, desenvolvo dialogando com reportagens, entrevistas e literatura na finalidade de começar a dimensionar a realidade.

Geralmente, pesquisas deságuam na formação de um produto final. Aqui, o produto vem no início, ele é “o ponta pé” para toda uma pesquisa e argumentação. Com o turismo de experiência, e utilizando o método cartográfico, é proposto um mapa poético com os quais organizo este TCC. Criei o seguinte fluxo:

1 - O livro surge como a primeira marca no pesquisador: a reunião de textos acerca do Recife, vividas, observadas ou imaginadas. -> 2 – Embasamento teórico acerca dos temas principais da obra. -> 3 – Aplicação de Entrevistas (Acompanhar Processos) -> 4 – Criação de tópicos baseados nas entrevistas -> 5 – Dissecção da Obra (Dimensão do Comum).

Para o procedimento da pesquisa, os métodos de pesquisa perpassam do histórico, por fazer correlações do espaço-tempo entre a vivência e os registros; brevemente biográfico por colocar a vivência de alguém como uma narrativa em termos de "microvida" e monográfico por fazer um estudo dissertativo em torno dos temas que norteiam este trabalho.

As técnicas de pesquisas deste estudo se baseiam, principalmente, na exploração de documentação indireta, utilizando da leitura de documentos e de artigos científicos para criar um embasamento teórico; como também se ancora em documentação direta a partir de uma pesquisa/observação de campo, facilitando o mapeamento de experiências.

Sendo completado por entrevistas com quatro artistas recifenses realizadas via e-mail. Este tipo de processo colabora para colhermos, como nos ensina o método cartográfico, e não coletar, e analisarmos diferentes pontos de vistas, opiniões, vivências acerca de determinado assunto discutido. É uma estratégia para documentar como este objeto de estudo chega em diferentes sujeitos, por mais que tenham uma linha em comum, possuem características diferentes (desde os seus gostos pessoais ao perfil sócio demográfico). Assim, vou construindo um panorama maior de estudo, e até de tópicos que não foram lembrados/considerados pelo pesquisador.

Junto com estes dados colhidos, surge a aplicação do método cartográfico, em que este permite mapear segmentos que agregam diferentes assuntos e acontecimentos de modo que explora territórios existenciais. Assim é permitido acompanhar diferentes processos em que contém, principalmente, como foco a subjetividade e a criação de mapas móveis das “paisagens psicossociais” (CINTRA *et al*, 2017). É nessas paisagens psicossociais em que o livro consegue ser construído, a partir da experiência e da observação de um recorte geográfico. Em que seu conteúdo, junto com dados da pesquisa, permite a criação de um mapa criado pelo o autor afim de tentar entender este espaço.

4.1 Só queria desabafar – Raphaela Santos

A pesquisa cartográfica tem como cerne do seu desenvolvimento o pesquisador em sintonia com o contexto do seu estudo. A cartografia permite a produção de subjetividades, pois compreende e leva em consideração a experiência, palavra bastante repetida nesta pesquisa e presente nas discussões acerca de modelo metodológico. Cartografar pode ser entendido como acompanhar processos, a criação de mapas, cartas geográficas que levam ao entendimento de determinado espaço. A apropriação do termo está na

permissão de elaboração de diferentes segmentos em que o autor tem a partir de experiências e atitudes.

A cartografia emerge como método de múltiplas entradas e, portanto, nos instiga a esclarecer quais caminhos trilham os pesquisadores que adotam essa nova **experimentação** e atitude de pesquisa. (CINTRA *et al*, 2017, p. 46).

Este pensamento pode ser completado quando vamos desbravando outros pesquisadores. “A cartografia requer um outro posicionamento que ressignifica o próprio método: ele se faz na **experimentação** e na atitude de pesquisar. O que lhe permite o desenvolvimento de pesquisas “fora do padrão” de organização ortodoxa acadêmica, dando ao cartógrafo aval para que de forma poética, ele possa organizar, discutir e elaborar seus argumentos e processos. (ROSARIO, COCA, 2018, p. 41).

Em outro texto de Richter e Oliveira (2017, p. 32), “Cartografar é perceber a pesquisa através da **experiência**, do devir, de estar aberto ao encontro e trazer isso à tona, de maneira poética”. É nesta conexão que, provavelmente, pode partir seus incômodos iniciais e indagações que o levam querer pesquisar, mas uma pesquisa em que o mesmo esteja inserido, movendo-se em seu próprio estudo. Cada pesquisador se implica na pesquisa cartográfica, “inventando” suas regras ao desenrolar das associações que surgem em sua pesquisa. Já que essa não tem um modelo fechado, compõe o pesquisador e pesquisa:

O sentido de comum, na perspectiva da cartografia, refere-se à **experiência** de pertencimento por habitar um mesmo território de práticas compartilhadas em meio a um coletivo de forças evidenciado pelas tramas que as sustentam (SOUZA, FRANCISCO, 2017, p. 126).

Por mais que seja um processo particular, não podem ser ignoradas interações coletivas que estão agrupadas, espontaneamente ou não, em seu cotidiano. Nesses atritos que ocorrem, dele com ele mesmo, dele com a sociedade, marcas surgem, e nessas se demonstram características de sua pesquisa.

Trata-se de conceito político por excelência, já que comum é a **experiência** de “decisão concertada” a que somos convocados e mesmo forçados a fazer na partilha do coletivo. Entre o lógico

(universal) e o político (comum) define-se, portanto, uma diferença de direção na **experiência** – à montante e à jusante dela – o que nos permite pensar uma coexistência que não abole a fricção e na qual o esforço de construção marca presença (KASTRUP, PASSOS, 2013, p. 267).

Nas citações diretas anteriores, de forma intencional, foi colocado em evidência o termo “experiência”, pois essa é sentida e também estudada, é processada e dimensionada. Além dessa pesquisa trazer o “Turismo de Experiência” e o “Método Cartográfico”; o livro que move toda essa inquietação do pesquisador também carrega em seu título o termo.

4.2 – O Mais vendido – Mombojó

Introduzo este tópico, brevemente, trazendo as minhas experiências e apresentando o autor-cartógrafo-turismólogo. Morei em Jaboatão dos Guararapes, cidade da Região Metropolitana do Recife, desde quando era criança. Cresci, minha noção de mundo se transformava de acordo com a idade e os estudos se desenvolviam, em todo este processo de crescimento a literatura sempre me acompanhou, ouvindo histórias da minha mãe; lendo meus primeiros livros e rascunhando meus contos. Em paralelo, meu encanto pela cidade do Recife sempre existiu, talvez, pela sua arquitetura e cenários nos quais eu consiga visualizar as mais diversas narrativas, tornando-se uma paixão que, aos poucos, entendi melhor.

Aos 17 anos fui aprovado em Administração pela Universidade de Pernambuco – *Campus Caruaru*, o que me fez morar, de 2016 a 2019, na conhecida “capital do Agreste”. É nesse meio tempo que compreendo o quanto gostava e sentia falta da capital do Estado, apesar de serem cidades próximas, 120 km para ser mais exato, tinham diferenças de costumes e de rotina que não me fizeram ter uma total adaptação. A saudade surge de toda a atmosfera da cidade do Recife, sua paisagem, meus amigos, os costumes que eu gostava de observar...; para este sentimento que, enquanto humano, considero incômodo, utilizei o que eu mais gostava de fazer como escape: a escrita. A partir de 2018, começo a registrar as experiências vividas ou que eu observava de amigos, nas visitas a Recife. De início, não havia pretensão alguma de criar um livro, apenas

de escrever observações. “Você abriu meu coração – A EXPERIÊNCIA” surge quando eu noto que havia um padrão entre estes textos diversos: a experiência das saudades, do amor, da vida, das transformações da sociedade, do Recife.

A obra foi inscrita, em alguns editais públicos, para que pudesse ser lançada com o aporte financeiro de recursos externos, como: FUNCULTURA de Literatura, Prêmio Hermilo Borba. Houve um pouco mais de “sorte” com a Lei Aldir Blanc, em de Pernambuco no ano de 2021, ficando na lista de espera dos aprovados. Essa última quase aprovação me fez confiar no potencial do livro e não desistir dele, o deixando guardado em um lugar especial. Já durante a fase de pré-projeto do curso de Gestão em Turismo do IFPE, e os desafios que eram propostos, semanalmente, tive um momento de ócio refletindo sobre qual seria meu projeto. Pois, eu não queria algo que ficasse apenas guardado na biblioteca do *Campus*, assim como ocorreu ao finalizar a minha monografia de Administração. Foi quando, certo dia, eu li uma entrevista da cantora espanhola, Rosália, na qual afirmava que o seu CD “El Mal Querer”¹ era o seu TCC da faculdade de música; isso me fez ter um *insight* e confiar ser a melhor oportunidade para lançar este livro, mesmo que de forma independente, que tanto coincidia com o que eu estudava e que precisava ser uma ponte entre estudos, arte e o mundo. Afinal, eu já escrevia meu TCC sem nem me dar conta disso!

O livro em sua concretização foi desenvolvido como um produto multimídia para que assim facilitasse sua divulgação e alcance de público: tendo uma versão digital, hospedada em formato de e-book, no site da Amazon, impressão de uma tiragem em cópias físicas, fotografias, que traduziam a essência do livro, foram usadas no encarte digital e acompanhadas de citações do livro publicadas nas redes sociais; confecção de vídeos usados em formatos de *reels* no Instagram.

Como discorri no embasamento teórico, as “microvidas” e recortes “psicossociais” são colocados em prova neste livro. Não por apenas tentarem

¹Segundo CD da artista, lançado em 2018 e clamado pela crítica e responsável por “exportar” a cantora para outros países do mundo. Entre os prêmios que levou, é destacado por ser vencedor do Grammy Latino (2019) na categoria Melhor Álbum do Ano e Grammy Awards (2020) de Melhor Álbum Latino.

representar e narrar histórias, mas por transbordar emocionalmente os sentimentos que são experimentados ao vivê-los.

“VAMC”, sigla da obra que se tornou um apelido carinhoso que meus amigos e eu colocamos, se tornou um livro que reúne poemas, contos e crônicas inspirados na cidade do Recife. Tendo como base, para o seu desenvolvimento, a experiência do autor, já relatada. Mas apesar da minha vivência, tento abrir espaço para as narrativas que conseguia (e ainda consigo) sentir no cotidiano que acontece na cidade. Podendo ser encontrados gêneros de romance, suspense ou até mesmo ficção, na obra a experiência se transforma em inspiração às narrativas que se desenvolvem ou conseguem serem imaginadas nesse espaço.

Como a banda Mombojó canta em sua música “O Mais Vendido” (2006): “Não quero ser o mais vendido. Nem quero falar só com seu ouvido. Eu quero entrar no seu coração. [...] Nem quero falar só de amor.” “VAMC”, apesar de desencadear em um produto artístico comercial, tem como um dos seus objetivos principais a de se conectar com o leitor e contar históricas sortidas que vão de amor até organização urbana. Fatores diversos da cidade colaboram para essas histórias serem contadas em suas formas mais objetivas ou subjetivas. Sua história, sua paisagem, suas transformações, os comportamentos e costumes dos seus moradores, seus vícios de linguagem, a sua relação com outras cidades da região, artes já produzidas com o Recife como tema principal. Ou seja, o livro tenta representar o que é o Recife.

Como podemos ler em sua sinopse que é encontrada na orelha do livro:

O ar desordenado do Recife parece refletir nas emoções das pessoas que passam por suas ruas. Existe confusão, recuperação e amor, fatores que compõem o seu bairrismo e torna a cidade caoticamente apaixonante... igual os seus passageiros. São poemas, contos e outras narrativas, diferentes perspectivas de um mesmo ambiente. Experiências sem fórmulas, uvas de diferentes safras e cobaias que tentam suportar o tempo. "você abriu meu coração - A EXPERIÊNCIA" é um teste psicoemocional. (ALBUQUERQUE, 2022, orelha).

Enquanto escrevo a pesquisa, em seus moldes “científicos” com uma dimensão artística, autoral, promovendo um recorte geográfico como um local de estudo. No livro, é estendido tratando esse local como um produtor de

experiências e emoções, essas que podem ser explicadas e representadas de diversas formas. São experiências sociais que se transformam em experiências textuais.

A obra não segue uma linha cronológica, também não tenta entregar lógica ou coesão entre seus textos. A forma que vejo o Recife é em uma “desordem organizada”, que na termodinâmica poderíamos chamar de “entropia”, mas, aqui, destaco o termo da sinopse “caoticamente apaixonante”; minha forma de tentar representar de forma visual, também, no livro. Por isso, há sobreposições de texto, capítulos embaralhados e histórias que se repetem ou se isolam, é a cidade sendo representada, visualmente, de forma poética.

Ao analisar a capa do livro, em sua frente encontra-se uma correlação de veias e artérias (logo se conectando com o título), a uma familiarização com o mapa do Recife. As linhas vermelhas e azuis são um decalque do cruzamento da Avenida Caxangá com o Rio Capibaribe. Em sua lombada, apenas a sigla “VAMC” que resume o título do livro. Em seu verso, um pedaço do Rio Capibaribe com a repetição da frase “isso é um teste psicoemocional”. Assim, a obra já vai apresentando suas principais características, irão se desenvolver ao longo das páginas, que podem ser pontuadas em pós-estruturalismo, testes e experiências; e podem ser melhor compreendidas a seguir.

4.2.1 – Pontes

- Os capítulos não estão ordenados de forma crescente, estão embaralhados. Isso permite que o leitor possa ler do modo em que ordenei, ou buscar tentar colocá-lo de forma ordinal. Isto reflete como a cidade é vista de forma caótica no livro.
- Todos os capítulos possuem o mesmo nome: “rádio (Ra) - C₄₃H₆₆N₁₂O₁₂S₂”, porém com subtópicos distintos. Rádio (Ra) é um elemento químico radioativo e perigoso que pode ser identificado na tabela periódica; C₄₃H₆₆N₁₂O₁₂S₂ é a fórmula química da ocitocina/oxitocina, conhecida por ser o hormônio que promove o amor e bem-estar. Desta maneira, com os capítulos com a mesma codificação e subtópicos diferentes, traz ser o amor radioativo se manifestando de diferentes formas e causar experiências diferentes.

- Para que a narrativa possa ser melhor visualizada, ao longo do livro podem ser encontrados: CEP, códigos postais, códigos de localizações e coordenadas geográficas. Em que o leitor, por meio de pesquisas, pode encontrar a qual local o texto se refere, sem o mesmo precisar ser citado diretamente.

4.2.2 – Rios

- Cumbia - Ao longo do livro podem ser encontrados elementos/escritas em espanhol, esse é um modo de referenciar a “Cumbia”, um ritmo caribenho bastante presente no Recife e que, também, pôde ser uma referência para algumas canções do ritmo de brega.
- Brega – Presente com o ar boêmio e melodramático que o livro possui, além de referências diretas a cantores do ritmo.
- Manguebeat – A desconstrução do manguebeat, inserção de novos elementos e valorização de signos regionais, aparecem principalmente na estruturação de textos, e o modo que utiliza diferentes mecanismos a serem criados e narrados.
- Frevo – O acelerado ritmo do tradicional gênero musical pernambucano, aparece na narrativa rápida, quase sonora pelas suas descrições e que é inseparável do local que lhe inspira, justamente, por suas constantes referências e sensações.

4.2.3 – Overdrives

De forma mais direta, no quadro a seguir, são colocadas as inspirações e referências, diretas ou indiretas, que utilizei para a criação e a finalização dos textos.

Quadro 2 – O Recife poético, inspirado e referenciado

Texto	Local	Artistas
Atlas	Marco Zero	
Furtos e Assaltos	Bairro da Várzea	
Capivaras no Mar	Av. Agamenon – Ilha do Leite / Praia de Boa Viagem	
Sete Cabeças	Recife (cidade)	Bicho de Sete Cabeças – Geraldo Azevedo
Amor, Nódulos, Dor, Rastros e elétrons	Recife (cidade)	
Até Ontem	Recife (cidade)	

Atenção?????????	Recife (cidade)	
+501 192	Av. Afonso Olindense- Bairro da Várzea	
Torres Gêmeas do Recife	Bairro de São José	Estando com ela e pensando em ti (que tontos, que loucos) – Kelvis Duran
Não Sei Muito O Que Escrever	Recife (cidade)	
Hélices, Pirulitos e Vacas	Bairro da Várzea	A Emparedada da Rua Nova – Carneiro Vilela
Em Português: Pardal rima com mal	Recife (cidade)	
Manjerição (introdução a lobotomia)	Bairro da Jaqueira	
Doces na fila da Eutanásia	Bairro da Tamarineira	
Até onde não é mais brincadeira?	Recife (cidade)	
Carpathia pt. 1	Recife (cidade)	
HÉLIO	Recife (cidade)	
Cúmbia Bipolar	Recife (cidade)	
Como no dicionário, “A” é a primeira letra que tem definição	Recife (cidade)	
(B)(O)(Ca) de (U)r(Na)	Av. Caxangá – Bairro da Várzea	Chico Science Luiz Gonzaga Conde do Brega Priscila Senna Raphaela Santos Cícero Dias
Me Chuva	Tamandaré (cidade) /externo	
Agradecimentos	Recife (cidade)	
4,3,2,1...	Recife (cidade)	
Karma (um poema sobre saudades)	Bairro da Várzea Caruaru (cidade) /externo América Latina	Dorival – Academia da Berlinda
SereiaS & eSqueletoS (um poema sobre saudades)	Recife Antigo	Dorival – Academia da Berlinda
Belize	Av. Afonso Olindense- Bairro da Várzea	
Alguém explica?	Recife (cidade)	Chão de Giz – Zé Ramalho
Guaiamum Artesanal	Olinda (cidade) /externo	Olinda Lost – Hebert & Mazili
Amigos de Festa	Bairro da Várzea	
r.EX.iliante	Bairro da Várzea	
C.A.V. A	Rua Acadêmico Hélio Ramos - Bairro da Várzea	
Copo de Anestesia	Bairro da Várzea	
Sangrias	Cinema da Fundação Joaquim Nabuco – Bairro do Derby	
Sangrias Coloridas	Cinema da Fundação Joaquim Nabuco – Bairro do Derby	
Vinho Tinto (a 5º potência)	Recife (cidade)	A Emparedada da Rua Nova – Carneiro Vilela Assombrações do Recife Velho – Gilberto Freyre
Água Quente	Pernambuco (estado) Região Agreste do Estado (externo)	Dorival – Academia da Berlinda

Bacurau	Cinema São Luiz – Bairro Boa Vista	Bacurau – Kleber Mendonça Filho
Eu estava esperando	Recife (cidade)	
14/08/2019	Bairro da Várzea	
Peixes no Aquário	Recife (cidade)	
Para Todos os Caçadores Que Já Me Queimaram E a Todos Que Ainda Irão	Horto Dois Irmãos – Bairro de Dois Irmãos	

Fonte: O Autor (2022)

Destaco a referência a outros lugares, além do Recife, esses sendo identificados com a marcação “(externo)”. Uma forma de apresentar correlações com outros lugares, experiências e narrativas que se criam nos breves deslocamentos, sejam em férias, feriados ou até no dia a dia do trabalho. Recife como a capital do Estado, mesmo com todas as suas particularidades, ainda é vista como o centro de Pernambuco e se mantém conectada com tantas outras cidades; com relações e experiências diversas que são criadas como os seus ônibus que partem, diariamente, e tanto para dentro como para fora da sua região metropolitana e outras interações vistas em micro ou macro visões.

4.3 – Aqui (ou memórias do cárcere) - cordel de fogo encantado

A partir de entrevistas com artistas, que possuem relatos sobre a cidade do Recife, puderam ser criadas categorias que colaboram para analisar o livro. Os entrevistados e a obra possuem em comum o olhar singular sobre a capital pernambucana.

Essas entrevistas foram enviadas por e-mail para 4 artistas: 1 fotógrafo, 1 cantor/compositor, 1 cineasta e 1 designer. Totalmente diferentes e com vivências próprias. A enquete dividida em 2 etapas: a primeira, perguntas mais pessoais, acerca das suas visões e inspirações individuais. Na segunda, propus a leitura de 3 textos do livro, sendo: *Capivaras no Mar*, *(B)(O) (Ca) de (U)r(Na) e SereiaS e eSqueletoS*, em que precisavam opinar sobre o contexto do texto junto com a vivência da cidade, que tanto conhecem, e nos ajudam a compreender a “dimensão do comum” do método cartográfico.

Na música “Aqui” (ou Memórias do Cárcere, 2006) da Banda Cordel do Fogo Encantado é dito: “Eu canto aqui, eu olho aqui, eu ando aqui, eu vivo...

Canto aqui, eu grito aqui, eu sonho aqui, eu morro...”. Esse “aqui”, neste trabalho, são, justamente, a cidade e a vivência ocorridas em nela e seu em arrebalde. Em quais respostas, diretas ou ditas, em forma de arte, revelam a vida numa visão pessoal e social.

Com essas respostas, foram criados cruzamentos os quais conseguiram consolidar o início dos tópicos a seguir:

4.3.1 – Papametalha – Maya

As cidades acompanham e se transformam, juntamente, com as interações que acontecem na sociedade, principalmente, pós Revolução Industrial. Assim, podemos perceber uma centralidade ocorrida no território com a força que o capital se concentra com a população e a produção. Esse modelo de sociedade de mercado, observado principalmente em cidades europeias, consolida o padrão urbano de ocupação que inspira e cria paradigmas para o restante do mundo (LACERDA, NUNES, 2017).

Com a sociedade crescendo nos centros urbanos, a cidade precisa se adaptar por meio de planejamentos e políticas públicas para melhor prezar pelo seu fluxo, funcionamento e bem estar. Planos esses, que nem sempre parecem pensar na cidade como um todo, às vezes beneficiando uma parcela mais elitista da população; dando espaço aos empreendimentos os quais esquecem de interações coletivas e públicas, apagando até mesmo a história e a identidade do local. Um bom exemplo disso é ao observar o crescimento físico e imobiliário da cidade, em que ao perceber que o crescimento horizontal começa a ter limitações, o vertical começa a ganhar espaço, agora, crescendo a cidade para cima; processo esse característico das grandes metrópoles.

Neste panorama, podemos observar os moldes e “futuros” que o espaço vai tomando de acordo com a escolha daqueles que norteiam projetos. O Recife, por exemplo, vem ganhando moldes mais verticalizados e apagando sua história, como pode ser retratado/notado tanto no livro literário quanto nas entrevistas realizadas.

Posso começar pontuando o poema Torres Gêmeas do Recife (ALBUQUERQUE, 2022, p. 41) que traz as torres Duarte Coelho e Mauricio de

Nassau, localizadas no Bairro de São José, e que popularmente na cidade ficaram conhecidas como “Torres Gêmeas” dado às suas alturas. O empreendimento, motivo de polêmica desde a sua proposta, por ser caracterizado como um “projeto que agride enormemente os padrões urbanísticos da vizinhança, comprometendo de forma irreversível a paisagem do conjunto arquitetônico e histórico” (LACERDA, 2007, p.639) dos bairros em seu entorno. Cenário para atos polêmicos na cidade, o local no poema é descrito como alto demais para sentir falta de alguém que está no solo ou com atmosfera de “violência emocional²”, formas de caracterizar o distanciamento daquele núcleo com a sua volta. Pois, é importante pontuar que, por conta dessa construção específica, foi impedido que a UNESCO considerasse o Bairro do Recife como patrimônio histórico (GONÇALVES DA SILVA, 2016). Neste sentido, percebe-se como o coração da cidade perde um pouco da sua essência, identidade e paisagem histórica por conta de um empreendimento restrito a um pequeno agrupamento da elite.

Se o local mais antigo da cidade sofre com as mudanças, quando vamos descentralizando a análise percebe-se como a agressão se torna bem maior. No conto (B)(O)(Ca) de (U)r(Na) (ALBUQUERQUE, 2022) é apresentado a observação da cidade, desde o andar em um ônibus, até chegar em casa e a paisagem que fica na mente, dando ênfase nas mudanças e construções que ocorrem, criando alusão entre a cidade e as emoções.

Em determinado diálogo um dos personagens, “A diferença é que abrimos ruas sem saídas, que sempre ficam no mesmo, que leva nada a lugar algum...” (ALBUQUERQUE, 2022, p. 69). Em que se refere a um popular ditado da cidade que é “a avenida que vai de canto a lugar algum” (frase que possui variações) referente à Avenida Dantas Barreto.

Construção polêmica, da década de 1970, que corta ao meio o histórico bairro de São José, criada com o objetivo de ligar o centro da cidade à Zona Sul.

²O refrão do poema é uma releitura da música “Estando com ela e pensando em ti (que tontos, que loucos)” do Kelvis Duran (2005). Na música original é cantado “às vezes eu acordo contigo na cabeça”, mas existe um ruído sonoro em que pessoas (entre elas, meus amigos) cantavam “às vezes eu acordo com um tiro na cabeça” até que descobrimos que era cantado errado. Isso me fez pensar como isso refletia a “violência emocional” que ocorria na cidade e que seria propício representar nesse poema.

Entretanto, com a construção da Av. Agamenon Magalhães, na mesma década, a av. Dantas Barreto perdeu sua importância e não teve seu prolongamento concluído. Para a realização deste projeto, foram derrubadas mais de 400 casas em 11 ruas do bairro, incluindo a Igreja dos Martírios, importante edificação histórica, que era tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, mas que foi retirada da lista de imóveis protegidos pelo governo federal a partir de solicitação do prefeito do Recife da época (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2013).

No mesmo poema, outro caso referenciado é o Projeto Novo Recife. Em um momento de elevação de pensamentos do personagem, é dito “Mesmo que houvesse silêncio do outro lado / E começássemos a construir paredes / Que se tornaria esse paredão de prédios que agora você vê” (ALBUQUERQUE, 2022, p. 71). O Novo Recife se caracteriza por ser um projeto que porta 13 edifícios, que variam de 12 a 38 andares, construídos sobre o espaço histórico do Cais José Estelita que porta a primeira linha de trem de Pernambuco (a segunda do Brasil) inaugurada no ano de 1858.

O local é importante para as construtoras a partir da sua localização entre bairros que possuem grandes fluxos comerciais e estão à frente da Bacia do Pina (MELO, 2017). Depois de polêmicas com irregularidades, alvo de movimentos sociais e protestos, assunto de pesquisas sobre impactos sociais e ambientais; atualmente, em dezembro de 2022, as torres já se encontram em processo de finalização da sua construção. Para quem segue da avenida Agamenon Magalhães em direção à Zona Sul da cidade, ao subir e cruzar um dos viadutos a visão é o surgimento de um paredão de prédios que cortam o céu. Essa sendo uma das visões que marcam o autor, mas que não deixa de lado o impacto visual que pode ser notado também em outras avenidas e linhas, seja andando de metrô, bicicleta ou ônibus

Esses impactos conversam diretamente com a poesia e o eu-lírico dos textos do livro pelos personagens estarem tão próximos emocionalmente da cidade acontecendo processos de comparação que sintetizam esses casos. Como pode ser visto, no diálogo 14/08/2019, nas frases: "chegando ao ponto de me comparar com os marcos históricos do Recife que são destruídos pra

construção de novos e ricos empreendimentos, que seriam você." (ALBUQUERQUE, 2022, p.133).

E em "E também te escrevia, porém não teve a mesma coragem que eu tive / de se transformar no mangue que dá lugar ao shopping" (Como no dicionário, "A" é a primeira letra que tem definição (ALBUQUERQUE, 2022, p. 67). Esse, referente às construções de shopping (que de combo, vêm mais torres) em áreas de mangue que deveriam ser destinadas à preservação. Mais especificamente o Shopping Recife, projeto de 1980, localizado numa antiga área de manguezal e o shopping Rio Mar, de 2012, instalado às margens do mangue e da Bacia do Pina em uma área que faz parte de uma ZEPA (Zona Especial de Proteção Ambiental), como se não bastasse, ainda, há o complexo de viadutos denominado de Via Mangue que liga um shopping a outro passando por cima do mangue da cidade (CAMPOS, 2015). "A coragem", descrita no poema do livro, é vista como a sensação de sobreviver e resistir, mesmo que acima de si sejam construídas edificações que não a representam, pois, sem nome e essência podem ficar marcados ali, mesmo que em memória!

Este sentimento de lembranças, que surge da paisagem, é usado pelo escritor tanto ao descrever em emoções dos personagens, como pode ser visto em alguns contos citados ao longo deste estudo, como também na presença das citações diretas feitas pelo autor, a exemplo do conto "Vinho Tinto" (à quinta potência), que discorre sobre memória, essência e alma. Entre as citações, é mencionada uma específica do conto "O Sobrado da Estrela", presente no livro *Assombrações do Recife Velho* de Gilberto Freyre (1955). Nele, o autor descreve sobre o Recife "de hoje", em meio aos arranha-céus e demolições, os sobrados restantes e a alma das edificações já destruídas resistem e perpassam o tempo.

Essa relação de cidade, paisagem e visão de quem a vive, produz interpretações por vezes caóticas, deturpadas e de tentativas de compreensão do encaixe do ser no meio da mudança. Assim, propondo trocas de ação e reação da cidade para o agente e do agente para a cidade.

Se, por um lado, tais espaços construídos em ritmos e modelos de interação social que ali ocorrem, sendo, portanto, também produtores de sociedade, por outro, dado o porte que adquirem, os aludidos artefatos físicos em tais metrópoles assumem

destaques pela dimensão e forma que apresentam. (NUNES, LACERDA, 2017, p.997).

Nessa troca de efeitos, encaixamos a música título deste tópico. Maya ao cantar “Papametalha” (2021) descreve a cidade e o futuro para qual o ambiente caminha, os prédios, as pontes, o manguezal que perde seu espaço, as metralhas jogadas nas esquinas com entulhos silenciosos, esses que interpreto como “restos” daqueles seres da sociedade e do ambiente, que não conseguem falar, nem possuir poder de escolha em meio às transformações. Mas o pouco que fica, sentar e ceder não se torna uma opção, prezando pela ideia de resistência e dos marcos que ainda sobrevivem com a identidade do local.

4.3.2 – A Cidade – Chico Science e Nação Zumbi

A arquitetura e o desenvolvimento urbano na cidade do Recife não são, apenas, reflexos das relações sociais, como também anexos paralelos a todo esse conjunto que torna a desigualdade um problema crescente e constante.

Nas grandes metrópoles, esse “problema” parece ser uma preocupação, somente, daqueles que o vivem, sem movimentos sociais, políticos e midiáticos que tentamos resolver sem a atenção e a força devida. O que é destacado e enfatizado é o conforto das classes hegemônicas que entregam estética e beleza, favoráveis à indústria do turismo. Conforto, constantemente, buscado em projetos, chamados e até políticas públicas conseguem abraçar com maior facilidade.

No livro existem alguns paralelos e citações do modo de vida que essa classe vive. Como a despreocupação com o meio externo, em como o perigo parece não as alcançar e são seguras de suas moradias. No conto “Capivaras no Mar”, pode-se ler: “Elas não se importavam com a falta de grama, andavam despreocupadas como se tivessem acabado de sair de um hotel luxuoso de Boa Viagem. As primeiras receberam o impacto das ondas e seguiram na água, sem se importarem com os tubarões...” (ALBUQUERQUE, 2022, p.25).

Relembrando a arquitetura hostil e verticalizada, em outro momento, é citado como aparenta cada andar, mais longe do solo, esse indivíduo representa seu status e como está salvo de problemas sociais e de saúde. No primeiro verso do poema “Torres Gêmeas” é escrito: “Caso fique rico, você não se livra da

doença, no máximo fica mais distante dela. Você consegue me ouvir? Aqui do quadragésimo segundo andar não conseguimos sentir a terra..." (ALBUQUERQUE, 2022, p.41). Essas breves citações servem para apresentar uma parcela da população que, apesar de ser uma minoria, consegue ter seus espaços muito bem marcados e atendidos.

No poema "Até onde não é mais brincadeira?" (ALBUQUERQUE, 2022) é, frequentemente, parafraseado em como o Recife deveria ser uma cidade feliz e dos momentos de ouro, por todas as coisas (de modo implícito seria a cultura, arte e história) dispostas em sua composição, mas que se é enganado com as aparências, na tentativa de fazer rimas (uma festa) o que resta é silêncio. Para este exemplo, usando como base a tese "Recife é Festa, Recifolia": Identidade, Mercado e Turismo na Cidade Alto-Astral 1993–2003" (LIMA, 2018), relembramos o carnaval fora de época "Recifolia", um festival com duração de 4 dias, no mês de outubro, no bairro elitista de Boa Viagem, com edições compreendendo o período de 1993 a 2003. Uma festividade que trazia movimento em uma época do ano carente de eventos, gerava entretenimento e fazia circular a economia na cidade. Era a proposta. A rede hoteleira era aquecida e contribuía para todo o sistema produtivo econômico dos trabalhadores formais e informais.

É importante pontuar que o projeto, para o carnaval ocorrer em Boa Viagem, tinha como objetivo ser uma opção turística, levando em conta movimentos menores que já existiam, e que durante sua elaboração e prática órgãos do turismo estavam envolvidos em sua administração. Durante os anos do Recifolia, que se tornou um megaevento, desgastes e questionamentos surgiam do real impacto econômico e social, entre eles, os dos moradores de Boa Viagem que não gostavam do barulho e "transtorno" da micareta em uma de suas avenidas. Para Lima (2018, p.157), o incômodo pontuado pelos residentes da localidade em resumo era dado pela "sensação de violação de sua cidadania pelo comprometimento de sua livre circulação e o desfrute do bairro em que moravam."

Com processos e cartas, até com envolvimento de desembargadores, a retaliação que apresentavam as críticas partia sempre dos moradores daquele bairro, o que a Prefeitura fazia questão de apresentar contrapontos e os benefícios gerados à cidade. Em seu encerramento, no ano de 2003, após

tentativas de escolher um novo bairro para realização, encerraram o festival com o argumento “que entendia o Recifolia como um evento que causava inúmeros transtornos à população” (LIMA, 2018, p. 176).

Apesar do caráter quase narrativo do parágrafo anterior, esta linha de raciocínio e de costume serve para costurar os pontos que caracterizam a cidade ao longo dos anos e como existem feitos e efeitos, criando fragmentos, logo, “vários Recifes”. As preocupações e resoluções trazidas são norteadas a partir do interesse daqueles que podem usufruir das suas capacidades de “jogo de poder”. Interação descrita na música “A Cidade” (1994) de Chico Science & Nação Zumbi, destaque a letra inteira, mais precisamente ao verso “A cidade não para a cidade só cresce. O de cima sobe e o de baixo desce.” Dando ênfase na separação das classes, enxergando realidades que começam a se distanciar de tal forma que cria extremos.

Esses distanciamentos causam desfalques em políticas públicas que não conseguem unir uma sociedade fragmentada, que não consegue mais crescer junta dada suas disparidades. Na pesquisa “Criminalidade Urbana Violenta: Uma Análise Socioespacial dos Crimes Violentos Letais e Intencionais na Região Metropolitana do Recife” (FERREIRA, 2011), expõe a desigualdade de condições socioeconômicas, cujas hipóteses clássicas são usadas para justificar a criminalidade. Podendo ser levada em consideração a privação, que surge em um grupo, em que desencadeia a violência pela frustração de indivíduos que não têm acesso a objetivos, que são socialmente legítimos, ou o surgimento da violência como fonte da pobreza absoluta, na qual as pessoas possuem poucas opções disponíveis, se encontrando em um estado crítico com problemas econômicos, buscam escapar para enfrentar situações emocionais difíceis.

Utilizando os pressupostos de Rolnik (1999) como base, Lima (2028) pontua como a exclusão territorial colabora para uma vida diária insegura e arriscada, privando os cidadãos de oportunidades variadas. Chegando a ser uma característica das cidades brasileiras as diferenças nas condições urbanas e conflitos gerados dentro dessas mesmas cidades. No Recife, uma lacuna que surge entre o espaço segregado é a sensação de insegurança, constatada tanto por quem vive na capital, como pelos próprios órgãos públicos, como Secretaria de Defesa Social (SDS). Em estatísticas que apresentam que o crescente índice

de roubos e furtos estão presentes tanto na periferia quanto em bairro nobres, como Boa Viagem (GUERRA, 2021).

4.3.3 – Dia a Dia – Academia da Berlinda

Com os tópicos anteriores, podemos brevemente perceber e descrever um pouco dos significados que marcam o cotidiano de Recife. Mas precisamos alongar as discussões às análises dos deslocamentos populares, da vivência do dia a dia, o cotidiano da cidade em que o espaço se desdobra entre pedestres, ônibus e metrô.

As pessoas, em meio a esse caos das idas e vindas, são entregues a reflexões, interações que surgem de forma espontânea ou não, durante o seu trajeto já acontecem inúmeras coisas antes de iniciarem suas cargas horárias de trabalho ou de estudos. Ainda apresento visões relativas, que, ao mesmo tempo, a cidade está em movimento, com seus transportes e fluxos, seus passageiros também se encontram parados aguardando chegarem aos seus pontos.

Aqui, levantamos uma breve discussão acerca do planejamento do turismo, indissociável do planejamento urbano, mais precisamente pontuando o congestionamento constante no trânsito da capital pernambucana. Uma questão diária e que marca o local, como podemos constatar em reportagens com título: "Recife, o pior trânsito 'em linha reta' do Brasil", de Rossi (2018) para o Jornal *El País* e "Recife, mesmo com a pandemia, é a capital mais congestionada do Brasil. De novo", de Soares (2022) para o Jornal do Commercio. Uma falha na mobilidade urbana presente na vida daqueles que vivem a cidade por poucos ou muitos dias.

No livro, o trânsito aparece como um fator presente ao longo das suas narrativas, sendo um fator que move não apenas fisicamente os personagens como também alguns dos seus atos. No diálogo "Amor, Nódulos, Dor, Rastros, elétrons", um dos seus personagens diz "- Eu prefiro passar a noite acordado ouvindo você respirar alto do que passar o dia ouvindo barulho de trânsito." (ALBUQUERQUE, 2022, p. 29) mostra como o trânsito e o estresse desse percurso são dimensões marcadas na rotina, que, antes mesmo de enfrentá-lo, a pessoa se prepara e até tenta fugir.

Na narrativa (B)(O)(Ca) de (U)r(Na), é durante um engarrafamento que o personagem principal começa a ter uma conversa com um desconhecido, e surgem observações de como é a cidade, a velocidade dos carros, a fluidez das avenidas ou pensamentos de quem dirige no estresse do cotidiano. (ALBUQUERQUE, 2022).

Aqui, insiro uma citação da música “Dia a Dia” (2020), da banda Academia da Berlinda, como um exemplo do que se passa na cabeça de alguém em uma constante espera (dia, tarde e noite) e como os pensamentos viajam como uma forma de relaxar a demora do encontro.

Estou sentado / Na areia branca / Minha alma canta / Deixa o tempo passar / Não vejo nada / Só um horizonte / O mar se agita / Vem a brisa me beijar / Melhor sentir o mar / Tava sonhando enquanto a onda batia. (BARRETO, *et al.* 2020.14).

Destaco como os personagens que esperam ou criam escapes para chegarem em outros lugares, possuem em comum a prática do ato de refletir. No livro, longe de dizer que os engarrafamentos sejam os melhores momentos para terem pensamentos “elevados”, mas se tornam efeito do ócio de estar parado ou de passarem seus tempos.

Citar o “trânsito” é uma breve exemplificação de um dos vários componentes de uma cidade, neste caso do Recife, que está atrelado à vivência do município. E terá sua influência em seus turistas e visitantes. E, como representa, em um turismo bem estruturado para uma cidade receber seus visitantes, primeiro deveria estar bem articulada para os seus moradores. Basta observar, em nosso redor, quantos dramas, quantas experiências trágicas com as fortes chuvas, os deslizamentos e as mortes com desabamento de barreiras...

Não à toa, preparar a cidade para os seus moradores é um ponto que podemos conferir no Programa Nacional do Turismo (2018-2022), que segundo o Ministério do Turismo (2020), surge como um instrumento para estabelecer diretrizes e estratégias à implementação da Política Nacional de Turismo, ordenando ações do setor público, orientando o esforço do Estado e a utilização dos recursos públicos para o desenvolvimento do turismo. Consta no programa:

Para a obtenção dos resultados positivos da atividade turística, faz-se necessário um adequado posicionamento de mercado que permita a exploração dos recursos diferenciais presentes nos destinos turísticos, atendendo às necessidades dos visitantes e aos interesses da população local. É essa população local que tem o primeiro contato com a experiência e que de modo orgânico testemunha e divulga a cidade para o meio externo. (PROGRAMA NACIONAL DO TURISMO, 2018-2022, p.76).

Para continuar falando das dificuldades da cidade que precisam da atenção de planejamentos e políticas, trazemos mais uma vez o conto “Capivaras no Mar” (ALBUQUERQUE, 2022). Nele, em determinado momento, o personagem dirige fala sobre a possibilidade de uma chuva parar a cidade, pontuando o nível do rio e as chances do Recife “afundar”, pelas constantes inundações ocorridas no Recife, e como a vida dos seus moradores “param” por não poder se locomoverem.

Em pesquisa de Silva (2011), acerca das inundações urbanas no Recife, pode ser constatado sobre a drenagem urbana na cidade não teve a atenção devida durante seu desenvolvimento, tendo em vista o processo de ocupação do município de forma desordenada. O que se torna uma característica das grandes metrópoles que têm a drenagem e escoamento do solo como fatores a serem considerados quando surgem planejamentos à sua expansão, para sanar falhas do seu crescimento acelerado.

É importante pontuar algumas características sócio-geográficas do município Recife, em que a cidade está situada numa grande planície de baixa altitude, sua altura varia de 1 a 10 metros do nível do mar (média de 4m), somado com a sua superfície, urbanizada em grande escala, o que eleva o índice de impermeabilização do solo. Isso dificulta o escoamento de água e causa transtornos à sociedade pelo o seu sistema de microdrenagem, o que categoriza essa gestão hídrica como um assunto que deve ser tratado pelas políticas públicas. O autor enfatiza que, no Recife, as cheias se tornam um problema social pelas consequências ao funcionamento da cidade pelos constantes alagamentos que, causam mortes tanto por afogamentos ou desabamentos de morros, congestionamentos no trânsito, destruição de veículos e desvalorização comercial de áreas, deteriorando o mínimo de bem-estar na vida urbana.

No conto “SereiaS & eSqueletoS (um poema sobre saudades)” são apresentadas, novamente, algumas características da cidade e sua relação com alguns mitos, em que essa afunda ao longo do tempo, uma impressão causada pelo nível do mar quase rente a sua terra.

[...]Mais do que qualquer porcentagem que é o quanto essa cidade afunda por ano. Mas estar sempre abaixo do nível do mar, já nos deixa submersos numa ansiedade que quando afundarmos de vez, não terá mais efeito. Até descobrirmos que tudo é um mito e somos apenas uma cidade plana. (ALBUQUERQUE, 2022, p. 93).

No texto “Karma (um poema sobre saudades)” é citado o bairro do Recife chamado de Várzea, que em um paralelo com a cabeça do ser humano, descreve que “várzea” é uma grande extensão de terra plana, às margens de um rio. Pontuando regiões da cidade com características de cheias e que são representados em seus nomes. (ALBUQUERQUE, 2022).

Os pesquisadores Müller e Sommer da Silva reforçam o dito popular “o turismo só é bom para o turista se for bom para seus moradores”, em seu livro: Planejamento e Organização do Turismo (2011), pois ao classificarem elementos do equipamento turístico, pontuam ser a infraestrutura e os serviços básicos ofertados aos turistas devem servir, diretamente, aos moradores dessas regiões. E reforçam

para finalizar esse tópico sobre as necessidades da população que são enfrentadas diariamente. Trago o capítulo 7 do livro de estudo, composto pelos poemas “Guaiamum Artesanal”, “Amigos de Festa”, “r.EX.liente” e “C.A.V.A”, em que dividido nessas quatro partes apresenta as elevações de pensamentos do personagem durante uma longa espera do seu ônibus. Um momento que mistura a aflição externa com a interna, que ao mesmo tempo que aguarda demoradamente seu ônibus no sol quente, se prende aos seus pensamentos para que possa passar o tempo de aguardo. No conto “Karma (um poema sobre saudades)” é descrito que em alguns dias é mais rápido chegar na cidade do interior Caruaru partindo do Recife, do que o ônibus chamado “TI Cajueiro Seco – Rua do Sol” que faz um movimento circular voltar para o seu ponto de partida; fato que se atrela ao trânsito da região metropolitana e ao tempo de espera que os seus passageiros esperam. (MÜLLER & SOMMER DA SILVA, 2011, p. 54).

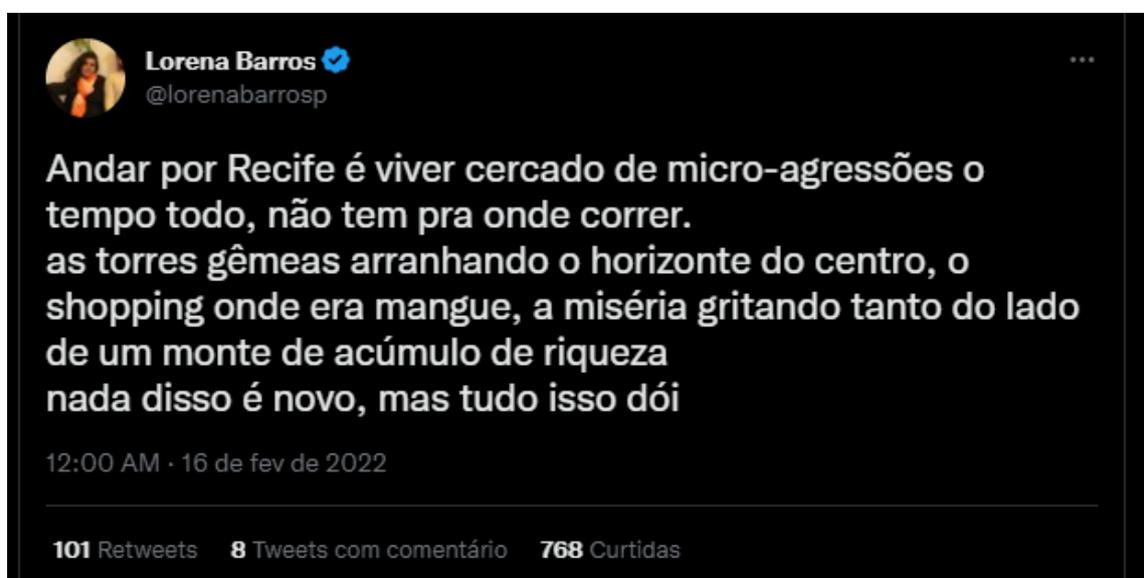
A espera pelo transporte público na cidade do Recife, além de problemas urbanos como descritos, também sofre um desmonte de responsabilidade das

suas representações. É caracterizado como um “Sistema Integrado” unindo ônibus e metrô numa mesma passagem, durante um espaço de tempo, e que abraça as 14 cidades da Região Metropolitana do Recife; sob administração do Consórcio Grande Recife, Governo Estadual e Governo Federal, um sistema que consegue mover R\$ 1 bilhão de reais, por ano, e que tem como fonte dessa renda as passagens dos usuários, mas, apesar desse recurso, não consegue controlar os problemas de deslocamento (SOARES, 2022).

4.3.4 – Companheiro Solidão – Lia de Itamaracá

Certo dia de pesquisa em que “descansava” um pouco rolando a *timeline* das redes sociais, deparei-me com um *tweet* da Lorena Barros, jornalista do UOL. Chamou-me atenção a forma usada para descrever a cidade do Recife, e como se aproximava desta pesquisa, fazendo-me perceber mais que outras pessoas sentiam o mesmo que eu. O modo de falar desta cidade e a sinergia que existia entre o local e o vivente dele, em como ambos eram machucados por ângulos e perspectivas diferentes.

Figura 1: O Recife dói.



Fonte: Instagram (2022)

Descrever a paisagem e a composição da cidade, e como essa causa dores naquele que a olha, mostra as interferências mútuas que temos na paisagem e a paisagem alterada em nós. Esse tipo de relação pode ser descrito

como “psicologia ambiental”, a qual estuda a relação entre o comportamento humano e o ambiente que está ao seu redor, sendo natural ou não (PACHECO, 2019). Trago novamente a orelha do livro, na qual vimos este tipo de associação, de como o “ar desordenado” do Recife (que seria justamente essa ordem desorganizada dos ícones da cidade) tem sua contribuição no modo de agir daqueles que o vivem.

O ar desordenado do Recife parece refletir nas emoções das pessoas que passam por suas ruas. Existe confusão, recuperação e amor, fatores que compõe o seu bairrismo e torna a cidade caoticamente apaixonante... igual os seus passageiros. (ALBUQUERQUE, 2022, orelha). Essa psicologia ambiental é colocada e descrita de forma mais intrínseca, aqui sendo colocado o estresse acumulado pelo o dia-a-dia que causa reações diferentes nas pessoas. Nessas relações não se pode desassociar os efeitos da urbanização na saúde mental das pessoas, além da saúde física, em que disfunções começam a se tornarem mais frequentes como alterações no sono, depressão e ansiedade (MANENTE, 2020). E fatores que vão desde trânsito e violência, pontos já comentados, colaborando para mostrar um indivíduo que se torna mais cansado mentalmente, socialmente e emocionalmente.

A cidade, além do ecossistema em construção, é local da vida que inclui a relação com a mente humana e suas emoções. Nela cabe espaço para os sentidos e sentimentos na busca de bem-estar psicológico que, de maneira genérica, refere-se a forma como o homem sente-se em relação a si próprio, como se relaciona com os outros, como enfrenta e soluciona suas dificuldades. Essas relações passam a ser afetadas na vida urbana (MANENTE, 2020, p. 5). Em “você abriu meu coração – A EXPERIÊNCIA”, não é apenas culpa do ambiente as ansiedades e travas do personagem, mas esse tem a sua grande participação enquanto ambiente influenciável. Sendo os personagens componentes de toda a dinâmica do local, podendo ser agentes ou reagentes, mas que tentam buscar o bem-estar.

De todo o livro e diversas passagens, podem ser destacados alguns versos que demonstram esses cansaços. O social é pode ser encontrado nos poemas: Belize, os quais revelam: “*Necesito vacaciones / Necesito huir / Tengo trabajos e trabajos / Expansiones que me gustan / y ya no quiero estar allí*” (ALBUQUERQUE, 2022, p. 94) e em +501 192, em que traz “*tengo que huir / y hablar de otras cosas / [...] / pero yo no pienso en política / ¿Qué es la envidia? / podría estar a mi lado / pero vivo borracho*” (ALBUQUERQUE, 2022, p. 37). Em

que pode ser visto a busca pela fuga, à procura das férias, a criação de escapes, o descanso...

O mental nos poemas, Carpathia pt1 “Tem dias que acho que entendo / Mas eu nem respondo / Como eu suporto a mim mesmo” e em Sete Cabeças:

Enquanto o dia não acordar / E eu, me esqueça, de tudo que me deixa nessa... / Fantasia que tudo vai melhorar / E eu acompanho seus passos nessa festa / Enquanto tudo não sai da pior / Eu preciso cantar tudo que eu sinto / Quem sabe assim eu melho / E você não me faz mais perder meus sentidos (ALBUQUERQUE, 2022, p. 27). Em que apresenta o desligamento do indivíduo, o cansaço, como as coisas passam em suas cabeças, o silêncio da reflexão e a compreensão de si com o meio externo. (ALBUQUERQUE, 2022, p. 60).

Por fim, o emocional, é enfatizado nos textos: Atlas, “Me chame de Atlas / Só pra eu saber se você reconhece todo o peso que sinto / Não faz ideia da carga emocional que eu tenho levado esses dias / [...] / E esse otimismo que sinto tem funcionado” E em “SereiaS e eSqueletoS”, “Somos filhos da Revolução Praieira, com uma herança emocional surda dos tiros que ainda ecoam por essa cidade. E que nos impedem de perceber os sussurros de desligamento das pessoas.” Em que é colocado o peso emocional como uma medida de até onde é possível suportar, frequentemente, sentindo emoções que dentro de si são tão altas que impedem até de escutar o do lado. (ALBUQUERQUE, 2022, p. 15).

A grande poeta e cantora Lia de Itamaracá, entoa em sua música “Companheira Solidão” (2019) sobre a perspectiva do mundo ao passar dos dias, os sentimentos que surgem desde felicidade ao rancor, em que como durante essa caminhada é percebida a ilusão e como se torna companheira da solidão por estar só nesse trajeto.

O capítulo 8 é amarrado em tópicos como solidão e saudades, trazendo o isolamento do ser quase de forma claustrofóbica com as suas percepções. Uma das crônicas do capítulo, se chama “Vinho Tinto (à quinta potência)”, em que apresenta a solidão na sua forma mais dolorosa: quando começa a se ter a noção do surgimento de tal. Esse texto é aberto por uma série de citações, três delas sendo do livro a “Emparedada da Rua Nova” (1984), em que o ápice do livro é o emparedamento em um quarto de uma mulher que engravida, e o pai

temendo a “vergonha da sociedade”, decidi emparedar a própria filha! Tornou-se lenda urbana recifense, aos crédulos, é possível ouvir os gemidos de sofrimento da emparedada, ao se passar na localidade.

Segue breve observação pessoal sobre o livro: “Emparedada da Rua Nova”, que descreve tão bem o cenário sócio geográfico da cidade, ao que parece Carneiro Vilela quase previu o futuro do Recife que seria caracterizado por grandes quantidades de apartamentos e pessoas “enclausuradas” dentro deles.

Estes paralelos podem nos levar a refletir sobre os isolamentos que surgem de forma emocional entrelaçados aos enclausurados nos incontáveis apartamentos que se multiplicam pela cidade. Em que, no mesmo espaço, contém emoções diversas, mas que se encontram isoladas, podendo ser visto um como um emparedamento físico e emocional. A crônica “Hélices, Pirulitos e Vacas” descreve uma crise de pânico solitária, mas quem está ao lado não consegue perceber, justamente, pelo distanciamento mesmo próximo que ocorre nos lugares.

4.3.5 – Recife – Alceu Valença

Um quadro nacional que me chama bastante atenção é o “Eu vi o mundo... Ele começava no Recife” (1926) do poeta Cícero Dias. Uma obra com mais de 10 metros, que entrega uma narrativa embaralhada, quase confusa, mas que lhe prende nos detalhes a serem desbravados. Da esquerda para direita, vemos um suporte para painéis, ruas, pessoas abraçadas e tocando rostos, a arquitetura, o sol no mar, pessoas interagindo com animais, e o que parece ser, o cotidiano corrido de uma cidade tendo no centro uma fábrica em funcionamento.

Cícero Dias pintou o quadro em um período de três anos (1926 – 1929) durante sua estadia no Rio de Janeiro. Com sua visão de mundo pessoal, entrega uma obra grande em tamanho físico e significado, nos permitindo sentir um termo que uso para representar o cenário do meu livro: “caótico apaixonante”. Em reportagem de Furlaneto (2014), são usadas duas citações que resumem a ideia dessa obra: a primeira que Cícero escreve em sua autobiografia: “O que vivia dentro de mim era o sonho. Contradições que a natureza criava: o invisível

e o visível". A segunda, uma crítica do Frederico Morais (2016): "O mundo que a tela dá a ver é onírico e nostálgico, um mundo de *sonhamentos* e memorialista ao mesmo tempo. É um mundo reinventado." É na permissão da sensibilidade, da experiência emocional e social, nas quais são demonstradas a grandeza dada ao local. A cidade do Recife sendo o ponto de partida da criação de mundo, que não fica restrito, apenas, ao individual.

Além de todo encantamento de detalhes do quadro, algo que me chama bastante atenção, é o título que se torna poesia por si só. Que coloca a cidade como um protagonista entre tantas outras cidades e países pelo mundo. Algo que, mesmo após 100 anos do seu lançamento, é um costume que consigo observar, frequentemente, entre os recifenses que de modo carinhoso coloco o termo popular de "mania de grandeza". Talvez, uma herança cultural e histórica, de grandes acontecimentos, revoluções e marcos nacionais que ocorreram na cidade; e por isso ao passar das décadas mantivemos o protagonismo (mesmo que intrínseco) do local com todo o meio externo.

Na pesquisa "Topofilia e Topofobia: um estudo da Percepção Ambiental de alunos do Ensino Médio em Paiçandu – PR" (DA SILVA, LOPES, 2014) é discutido sobre o trabalho do geógrafo Tuan, conhecido por seus estudos sobre percepção ambiental. Os autores trazem a tese de Tuan (2012) que pontua a naturalidade dos humanos com sua visão etnocêntrica, supervalorizando e atribuindo valores de superioridade ao seu local em relação a outros. Um comportamento que pode ser entendido pela autossustentação da sua própria cultura, colaborando com o sentimento de orgulho.

Nesta mesma linha de raciocínio, surge o termo "topofilia" que se aprofunda sobre a relação do humano com a paisagem na qual vive, seu pertencimento, sua identidade e outras ligações fortes emocionais. O conceito criado por Tuan pode ser resumido como: "O elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico" (TUAN, 2012, p.19 *apud* DA SILVA, LOPES, 2014, p. 8), sem deixar de lado o conjunto de experiências que o local proporciona-lhe.

Mas o que tanto poderia contribuir para o Recife propor essa afetividade e valorização ao longo do tempo? De acordo com a Secretaria de Turismo e Lazer (2019), podemos citar alguns acontecimentos que colaboraram para a

cidade ser pioneira na região das Américas e encher o orgulho daqueles que viveram:

- A primeira Sinagoga;
- O primeiro Observatório Astronômico;
- O primeiro Jardim Botânico;
- e a primeira Ponte das Américas.

Na mesma reportagem, de acordo com o gerente de Projetos Turísticos da Secretaria de Turismo, Esportes e Lazer do Recife de 2019, Bráulio Moura, esses acontecimentos enaltecem o orgulho do povo pernambucano, que é caracterizado por ser ufanista, fazendo parte da identidade do povo.

No livro de estudo desta pesquisa, se fosse pontuar cada referência sobre a cidade, levaria páginas e mais páginas discorrendo. Afinal, o local está presente em cada texto, de formas diretas ou indiretas, servindo como paralelos das emoções e anseios dos personagens. Mas, aqui, utilizo algumas passagens que condensam a ideia e colaboram para melhor visualizar essa atmosfera.

O sentimento de grandeza no conto “SereiaS & e SqueletoS (um poema sobre saudades)”, ao trazer ditos populares dos moradores do Recife que brincam ao falar dos rios da cidade formarem o oceano Atlântico ou até mesmo que esse seria mais um rio da cidade.

-Às vezes fico imaginando como seria o Recife se todos os rios secassem. Ou melhor como ficaríamos! Penso que não seríamos afetados, até por que mal fazemos uso deles. - Suspirou. - Somos basicamente uma ilha e não fazemos nenhum uso deles. Com pontes quase caindo aos pedaços. O Tejipió, o Capibaribe, o Beberibe e o Atlântico... (ALBUQUERQUE, 2022, p.92).

Ainda no mesmo conto pode ser observado como, também, existe a memória de ser pioneira em eventos marcantes, às vezes, chegando até ao exagero pelo sentimento de orgulho. Lembra Albuquerque (2022, p,91), “Sim, do Marco Zero, um ponto inicial do continente que acredito ser o início das epidemias emocionais da América Latina. Exagero meu, mas não à toa tivemos a primeira ponte desse pedaço do continente.”

O afeto que existe pelo o local, sendo utilizado como parâmetro pelo amar a outras pessoas, presente no conto “(B)(O) (Ca) de (U)r(Na)”: “[...] meu

problema foi te amar o tanto como eu amo essa cidade!” O provável afeto que a cidade, enquanto personagem individual e conjunto, também sente por alguém, como no conto “Karma (um poema sobre saudades)”: “É difícil manter as rodas em linha reta, quando essa cidade também ama você.” (ALBUQUERQUE, 2022, p.87).

A herança histórica permeia a cidade, percebida na introdução do Capítulo 8, em que cita um quadro fictício chamado de “Português chora com a possibilidade de a Holanda conquistar Pernambuco (mas antes tivesse conquistado).”; ainda no conto “SereiaS & eSqueletoS (um poema sobre saudades)” em que diz “Somos filhos da Revolução Praieira, com uma herança emocional surda dos tiros que ainda ecoam por essa cidade.” (ALBUQUERQUE, 2022, p. 90).

A partir destas observações, percebo como se cria e continua o sentimento de saudosismo que existe na cidade. O termo popular conhecido como “bairrismo”, mas, que, cientificamente, vem a se chamar “topofilia”. Evidenciando os artistas que descrevem suas características, que cantam seus amores regionais, que registram sua evolução, que mapeiam ruas que somem e aparecem, que tentam fazer o Recife ser forte como a barreira de arrecifes que inspiraram o nome da cidade.

É o Recife que marca e deixa saudades, como a repercutida “Voltei Recife”, coloco a versão de Alceu Valença (2014) que, com vigor, brada a saudade que o trouxe pelo o braço querendo reviver todas as experiências permitidas e não permitidas. É o Recife que dói no coração de Luiz Gonzaga, registro de 2014, a partir da lembrança, quando esse canta “Saudades de Pernambuco”. É a cidade cultural que produz e inspira a criar mais símbolos da cultura.

Pontuo que, apesar de enaltecer a cidade do Recife, não deixamos de lado, nem ignoramos, muito menos romantizamos, as dificuldades e melhorias necessárias, como aqui foi dissertado. Entretanto, mesmo com todo esse caos são criadas conexões, vivências e experiências que fazem surgir um afeto maior.

5 FIM SEM PONTO FINAL – PRISCILA SENNA

Queria decompor esta “conclusão”, pois considero não se constituir em ponto final. Mas um ponto e vírgula às produções artísticas que possam surgir para marcar o término do Curso Gestão de Turismo, no Instituto Federal de Pernambuco, no *Campus* Recife.

Como bem coloco no poema Amigos de Festa: “Anuncie pro mundo sua chegada e destrua tudo o que você não gosta”, juntamente com outros colegas, artistas dessa maratona de bancas, registremos novas formas de concluir este curso.

Foi preciso a distância para que a minha visão de mundo fosse modificada, fazendo-me enxergar e sentir as coisas que, talvez, tão próximas não fossem notórias. Mas, dentro de nós, tem sempre algo que pulsa mais forte; passando um fluxo constante, que nos admiramos por suportar, e entre as tantas coisas: a ciência.

Não sei qual a parte que considero mais difícil desta dissertação: viver, observar ou pesquisar a experiência. Porque são momentos, totalmente, diferentes em que quanto mais lemos, mais embasamos e percebemos que estamos inseridos em um sistema, estrutural ou não, teremos nossa contribuição. E, principalmente, por sermos afetados pela ciência, pela arte, pela poesia...

Ao vivê-las, coloco-me, enquanto artista, para melhor registrá-las, percebo-me como um espectador da obra, das similaridades, de quem ou o quê faz parte deste círculo; ao pesquisar, sou um cientista que busca as motivações da sociedade, a evolução dos costumes e os embasamentos que justificam toda concretização do processo.

São as microvidas que nos fazem mergulhar e nadar pelas diversas emoções que surgem, entre as melhores ou piores. Os deslocamentos pelo cotidiano e as quebras do "normal", que acontecem de formas planejadas ou não, que se transformam em passagens marcantes. Enquanto humanos, nos desgastamos com a bagunça e esquecemos de guardar as emoções. Mas são estas que nos levam a melhor compreensão e interação do ambiente, não

apenas físico. E, por vezes, no nosso drama social, somos pegos de surpresa por sentimentos muito mais fortes que esperamos.

Nesta construção, foi colocado como a Cidade do Recife é um expoente à cultura, à arte e ao turismo. Faço tal colocação não é dizendo que outras cidades não causam o mesmo efeito, mas esse é o meu recorte... ou melhor, minha experiência.

É na capital pernambucana que surge a motivação de escrever um livro, por toda sua força e pela produção que pode ser inspirada. Durante as pesquisas bibliográficas, minha orientadora sugere o método cartográfico. Uma metodologia que aproxima o pesquisador do objeto, que lhe dá mais propriedade para discutir sua galáxia de estudo, porque está inseparável dele. Neste processo, busco mais quatro artistas para que melhor pudesse compreender a visão do que é a Cidade do Recife e dissecasse meu livro inicial, em fatos, relatos externos e estatísticas.

Estas laudas representam o topógrafo literário e científico que continuarei tentar ser ao continuar observando, escrevendo e pesquisando. Ao leitor, digo que o caos recifense tem pontos suficientes para serem estudados e, neste conteúdo, ofereço vários gatilhos que podem ser utilizados para desenvolver pesquisas e traduzi-las de formas artísticas. A compressão do espaço com a sua realidade, se torna a melhor forma de dissertar em prosa poética ou em parágrafos científicos.

“Você abriu meu coração – A EXPERIÊNCIA” é um livro sobre amor e otimismo. Torna-se um mapa literário de vivências, demonstrando como o Recife é um OMT, 1994, local que pode ser desbravado a fim das experiências. Por isso, lhe convido a ler os três primeiros capítulos desta obra no Apêndice I.

DIZ PRA MIM & LERO, LERO – KELVIS DURAN

ALBUQUERQUE, Douglas. **você abriu meu coração: A EXPERIÊNCIA**. LN Editorial. 1º Edição. São Paulo. 2022.

ALBUQUERQUE, Felipe Souza. CAMPELLO, Marcelo de Moraes Barreto. **O Mais Vendido**. In: MOMBOJO. Homem-Espuma. Ayn Participações Ltda. 2006.

ALMEIDA, Carlos Henrique de. **Aqui (Ou Memórias do Cárcere)**. In: Cordel de Fogo Encantado. Transfiguração. Altafonte Brasil Direitos Musicais Ltda. 2006.

AZUL. **Tipos de Turismo: o que fazer de acordo com o seu perfil e vontades?** Vem Voar Azul. Disponível em: < <https://vemvoar.voeazul.com.br/dicas-de-destinos/tipos-de-turismo/> > Acesso em: 18 dez 2021

BANDEIRA, Luiz. **Voltei Recife**. In: VALENÇA, Alceu. Amigo da Arte. Copacor Edições Musicais Ltda. 2014.

BARRETO, Alexandre de Freitas Henrique et al. **Dia a Dia**. In: Academia da Berlinda. Descompondo o Silêncio. Coala Lab. 2020.

BARRETO, Alexandre de Freitas Henrique et al. **Pedalando**. In: Academia da Berlinda. Nada Sem Ela. 2016.

BARROS, Lorena. Tweet das 12 horas, 16 de fevereiro de 2022. TWITTER. 2022. Disponível em: < <https://twitter.com/lorenabarros/status/1493782212818395136> > Acesso em: 16 fevereiro de 2022.

BRASIL ESCOLA. **Paisagem**. Brasil Escola. sd. Disponível em: < <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/definicao-de-paisagem.htm> > Acesso em: 18 dez 2021.

BICICLETAS ROUBADAS. **Cadastro Nacional de Bicycletas Roubadas - Ranking dos Roubos**. Bicycletas Roubadas. 2023. Disponível em: < <https://www.bicycletasroubadas.com.br/roubos-stats-ranking.asp> > Acesso em: 23 dez 2022.

CAMARA, Enildo. **Área Metropolitana do Recife – Estrutura, Formação e População**. Visita Recife. 2015. Disponível em: < <https://visitarecife.com.br/area-metropolitana-do-recife/> > Acesso em: 18 dez 2021.

CAMPOS, Dóris Janylla Siqueira Lopes. **A Via Mangue Sob O Olhar Do Ordenamento Territorial Urbano Em Recife-PE: O Lugar Dado Às Famílias Pobres**. Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, v. 04, n. 02, 2015.

Cintra, Amanda Mendes Silva, *et al.* **Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa** Fractal: Revista de Psicologia, v. 29, n. 1, p. 45-53, jan.-abr. 2017. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

COSTA, Alexandre Salgues Maranhão. LIRA, Jorge Jose Carneiro de. OLIVEIRA, Lucio Jose Maia de. OLIVEIRA JUNIOR, Romário Menezes de. **Novas Auroras.** *In:* NAÇÃO ZUMBI. Nação Zumbi. Altafonte Brasil Direitos Musicais Ltda. Lebab Produções Artísticas Ltda. Opium Produções Artísticas Ltda. 2014.

COSTA, Alexandre Salgues Maranhão. LIRA, Jorge Jose Carneiro de. OLIVEIRA, Lucio Jose Maia de. OLIVEIRA JUNIOR, Romário Menezes de. **Um Sonho.** *In:* NAÇÃO ZUMBI. Nação Zumbi. Altafonte Brasil Direitos Musicais Ltda. Lebab Produções Artísticas Ltda. Opium Produções Artísticas Ltda. 2014

COSTA, Manuel Carlos. RAMOS, Dina Maria. **Turismo: Tendências e evolução.** PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP. Macapá, v10, n.1, p. 21-33, jan/jun. 2017.

CURADO, Adriano. **O que é paisagem: definição e principais classificações. Conhecimento Científico.** sd. Disponível em: < <https://conhecimentocientifico.com/o-que-e-paisagem-quais-tipos-de-paisagem-existem/> > Acesso em: 18 dez 2021

DA SILVA, Gerson. LOPES, Claudivan Sanches. **Topofilia E Topofobia: Um Estudo Da Percepção Ambiental De Alunos Do Ensino Médio Em Paíçandu - Pr.** Os Desafios Da Escola Pública Paranaense Na Perspectiva do Professor Volume I. Versão Online Cadernos PDE. 2014.

DALL'AGNOL, Laísa. **As cidades mais procuradas pelos brasileiros que viajam em 2021.** Veja. 2021. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/homens-entre-25-e-34-anos-sao-os-que-mais-viajam-no-brasil-diz-pesquisa/> > Acesso em: 20 janeiro de 2021.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Recife é eleita 'cidade da música' pela Unesco.** **Diário de Pernambuco.** 2021. Disponível em: <

<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2021/11/recife-e-eleita-cidade-da-musica-pela-unesco.html> > Acesso em: 13 novembro 2021.

DIARIO DE PERNAMBUCO. **Avenida polêmica desde a construção**. Diário de Pernambuco Impresso. 2013. Disponível em: < <http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/noticia/cadernos/vidaurbana/2013/05/avenida-polemica-desde-a-construcao.html> > Acesso em: 22 dez 2022

DIAS, Cícero. **Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife**. 1926. Pintura Guache e técnica mista sobre papel, colado em tela, cie 198,00 cm x 1.200,00 cm.

DICIO. **experiência**. Dicio. 2021. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/experiencia/> > Acesso em: 18 dezembro de 2021.

DURAN, Kelvis. **Diz Pra Mim**. In: DURAN, Kelvis. Kelvis Duran. 2003.

DURAN, Kelvis. **Lero Lero**. In: DURAN, Kelvis. O Príncipe do Calypso, Vol.3. 2005.

DURAN, Kelvis. **Estando com ela e pensando em ti (que tontos, que loucos)**. In: DURAN, Kelvis. O Príncipe do Calypso, Vol 3. 2005.

ESTEVIÃO DA SILVA, Theognes José. **Considerações sobre inundações urbanas: Estudo de caso da Av. Professor Moraes Rêgo na interseção com a Av. Caxangá em Recife-PE**. Tese (graduação) - Curso de Engenharia Civil. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

FERREIRA, Otto Maximiliano Pereira de Cordeiro. OLIVEIRA JUNIOR, Romário Menezes de. **Teorema**. In: Otto. Ottomatopeia. Press Pass Produções Culturais E Artisti. 2017.

FIGUEIROA, Beto. **Cinema São Luiz**. Cultura PE. sd. Disponível em: < <http://www.cultura.pe.gov.br/pagina/espacosculturais/cinema-sao-luiz/> > Acesso em: 18 dez 2021

FERREIRA, Marianna de Barros Afonso Ferreira. **Criminalidade Urbana Violenta: Uma Análise Socioespacial dos Crimes Violentos Letais e**

Intencionais Na Região Metropolitana do Recife. 2011. Tese (metrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

FOLHA DA SEGURANÇA. **As 10 Capitais mais violentas do Brasil.** Folha da Segurança. 2022. Disponível em: < <https://folhadaseguranca.com.br/10-capitais-mais-violentas-do-brasil/> > Acesso em: 22 dez 2022.

FRANCA, Francisco de Assis. **A Cidade** *In*: Chico Science & Nação Zumbi. Da Lama Ao Caos. Sony Music Publishing (Brazil) Edições Musicais Ltda. 1994

FRANCA, Francisco de Assis. MONTENEGRO, Fred Rodrigues. **Rios, Pontes e Overdrives.** *In*: Chico Science & Nação Zumbi. Da Lama Ao Caos. Sony Music Entertainment Brasil Ind. Com. 1994.

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho.** Rio de Janeiro: Record, 1987 (1a edição Ed Condé. 1955).

FURLANETO, Audrey. **Obra de Cícero Dias que causou escândalo nos anos 1930 ressurgiu cercada de histórias no Mar.** O GLOBO. 2014. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/cultura/obra-de-cicero-dias-que-causou-escandalo-nos-anos-1930-ressurgiu-cercada-de-historias-no-mar-11400048> > Acesso em: 26 jan 2023.

G1 PE. **Passageiros do Recife são os que mais esperam pelo transporte público em todo o Brasil, diz pesquisa.** G1 PE. 2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/01/15/passageiros-do-recife-sao-os-que-mais-esperam-pelo-transporte-publico-em-todo-o-brasil-diz-pesquisa.ghtml> > Acesso em: 21 dez 2022.

GONÇALVES DA SILVA, Paula. **Recife: uma Cidade Roubada.** XL Encontro da ANPAD. 2016.

GUERRA, Raphael. **Medo nas ruas: roubos e furtos voltaram a crescer no Recife; Veja números.** JC. 2021. Disponível em: < <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/ronda-jc/2021/09/13037142-medo-nas-ruas->

roubos-e-furtos-voltaram-a-crescer-no-recife-veja-numeros.html > Acesso em: 21 dez 2022.

GUERRA, Raphael. **Pelo 16º mês, roubos de veículos crescem em Pernambuco; Furtos batem recorde em agosto.** JC. 2022. Disponível em: < <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/ronda-jc/2022/10/15092333-pelo-16-mes-roubos-de-veiculos-crescem-em-pernambuco-furtos-batem-recorde-em-agosto.html> > Acesso em: 21 dez 2022.

JORDÃO, Pedro. **Em alta, turismo de experiência valoriza a individualidade do viajante.** IG Turismo. 2021. Disponível em: < <https://turismo.ig.com.br/manual-do-viajante/2021-02-20/em-alta-turismo-de-experiencia-valoriza-a-individualidade-do-viajante.html> > Acesso em: 28 novembro 2021.

LACERDA, Norma. **Intervenções no Bairro do Recife e no seu entorno: indagações sobre a sua legitimidade.** Sociedade e Estado, Brasília, v. 22, n. 3, p 621 - 646. set/dez. 2007

LIMA, Wayne Rodrigues de. **“RECIFE É FESTA, RECIFOLIA”: Identidade, Mercado e Turismo na Cidade Alto-Astral (1993-2003).** 2018. Tese (mestrado) - Curso de História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

KASTRUP, Virginia, PASSOS, Eduardo. **Cartografar é traçar um plano comum.** Fractal, Rev. Psicol., v. 25 – n. 2, p. 263-280, Maio/Ago. 2013.

MAIA, Marcela Galvão. **Papametalha.** In: MAYA. Single. 2021.

MANENTE, A. Fabio. **OS IMPACTOS DA CIDADE NA SAÚDE EMOCIONAL: Alternativas para uma condição saudável.** XII SIU Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo. 2020.

MELO, Helder Aragão de. **Companheiro Solidão.** In: ITAMARACÁ, Lia de. Ciranda Sem Fim. 2019.

MELO, Rebecca Botelho Portela de Melo. **Cerceamentos Privados no Espaço Público: O Caso do Projeto Novo Recife**. e-cadernos CES, 27, 72-89. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. 2017.

MICELI, Salvador. ROSENDO, Salvador. **Saudade de Pernambuco**. In: GONZAGA, Luiz. A Raíz do Nordeste. 2011.

MINIDICIONÁRIO ESCOLAR. 2ª edição. Barueri - SP: Ciranda Cultural, 2017.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano Nacional do Turismo**. Ministério do Turismo. 2020. Disponível em: < <https://www.gov.br/turismo/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/plano-nacional-do-turismo> > Acesso em: 22 maio 2022

MIRANDA, Everton. NABOZNY, Almir. **Paisagem e identidade: algumas abordagens**. Anais Semana de Geografia. Volume 1, Número 1. Ponta Grossa: UEPG, 2014.

MORAES, Antonio Maria Araujo de. **Recife**. In: VALENÇA, Alceu. Irmãos Vitale Sa Industria E Comercio. Amigo da Arte. 2014.

MÜLLER, Renato, SOMMER da Silva, Rodrigo Borsatto. **Planejamento e organização do Turismo**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

NUNES, Christiane Girard Ferreira. LACERDA, Norma. **Planejamento Urbano, arquitetura e urbanismo: a serviços de uma outra geografia? Brasilmar Ferreira Nunes (em memória)**. Revista Sociedade e Estado - Volume 31, Número Especial Sociedade e Estado 30 anos - 1986 - 2016. 2016.

OLIVEIRA, Maria. **A influência dos eventos na taxa de ocupação hoteleira**. Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. 2014. Disponível em: < https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/8757/1/2014.04.005_.pdf > Acesso em: 13 novembro 2021.

PACHECO, Priscila. **Ruas completas e psicologia: como o ambiente influencia nosso comportamento**. WRI BRASIL. 2019. Disponível em: <

<https://www.wribrasil.org.br/noticias/ruas-completas-e-psicologia-como-o-ambiente-influencia-nosso-comportamento> > Acesso em: 21 dez 2022

PANOSSO NETTO, Alexandre. **O que é Turismo**. São Paulo: Brasiliense, 1ª reimpressão, 2013 (Coleção Primeiros Passos, 341).

PANOSSO NETTO; GAETA, Cecília (Org.). **Turismo de Experiência**. São Paulo: SENAC, 2010.

PENA, Rodolfo F Alves. **Conceito de Paisagem**. Mundo Educação. sd. Disponível em: < <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/conceito-paisagem.htm> > Acesso em: 18 dez 2021

PIMENTEL, Oswaldo Lenine Macedo. QUEIROGA FILHO, Luiz de Franca Guilherme de. **Alzira e a Torre**. *In*: LENINE. Na Pressão. Humaitá Edições Musicais Ltda; Luni Produções Ltda; Mameluco Produções E Edições Musicais Ltda. 1999.

PIRES, Elvis. **Fim Sem Ponto Final**. *In*: SENNA, Priscila. Single. 2020.

PIRES, Elvis. **Só Queria Desabafar**. *In*: SANTOS, Raphaela. Single. 2021.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano Nacional Do Turismo 2018 - 2022**. Ministério do Turismo. 2018. Disponível em: < <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/pnt-2018-2022-pdf> > Acesso em: 15 maio 2022.

PREFEITURA DO RECIFE. **Paço do Frevo**. Prefeitura do Recife. sd. Disponível em: < <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/paco-do-frevo> > Acesso em: 18 dez 2021.

PORTO DIGITAL. **O que é o Porto Digital**. Porto Digital. Sd. Disponível em: < <https://www.portodigital.org/parque/o-que-e-o-porto-digital> > Acesso em: 18 dez 2021.

PORTO, Gabriella. **Análise do Discurso**. Infoescola. 2007. Disponível em: < <https://www.infoescola.com/linguistica/analise-do-discurso/> > Acesso em: 17 dez 2021.

RICHTER, Indira Zuhaira, OLIVEIRA, Andréia Machado **Cartografia como metodologia: Uma experiência de pesquisa em Artes Visuais**. PARALELO 31 edição 08, julho de 2017.

ROSARIO, Nísia Martins do, COCA, Adriana Pierre. **A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação**. Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS v.19, n. 41 [34-48] set-dez 2018.

ROSSI, Marina. **Recife, o pior trânsito “em linha reta” do Brasil**. El País. 2018. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/26/politica/1530040918_051796.html > Acesso em: 22 maio 2022.

ROSSI, Reginaldo. ALICE, Maria. **Tenho Algo a Dizer-Te**. In: ROSSI, Reginaldo. Editora Musical Arlequim Ltda. 1966.

SEBRAE. **Turismo de Experiência**. Sebrae. 2015. Disponível em: < https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/turismo_de_experiencia.pdf > Acesso em: 18 dez 2021

SECRETARIA DE TURISMO E LAZER. **Olha! Recife provoca uma viagem no tempo com o roteiro Recife Holandês**. Prefeitura do Recife. 2019. Disponível em: < <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/13/03/2019/olha-recife-provoca-uma-viagem-no-tempo-com-o-roteiro-recife-holandes> > Acesso em: 27 jan 2023

SIMÕES, Eduarda Bittencourt. Et al. **Pro Mundo Ouvir**. In: BEAT, Duda. ALEXANDRE, Luiza de. ALEXANDRE, Camila de. Sinto Muito. Duda Beat Produção Musical Ltda. 2018.

SOARES, Roberta. **Na mobilidade urbana, os desafios são muitos para o futuro governador de Pernambuco**. JC. 2022. Disponível em: < <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/mobilidade/2022/08/15066732-na-mobilidade-urbana-os-desafios-sao-muitos-para-o-futuro-governador-de-pernambuco.html> > Acesso em: 23 dez 2022

SOARES, Roberta. **Recife, mesmo com a pandemia, é a capital mais congestionada do Brasil de novo**. Jornal do Comércio. 2022. Disponível em: < <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/mobilidade/2022/03/14959182-recife->

mesmo-com-a-pandemia-e-a-capital-mais-congestionada-do-brasil-de-novo.html > Acesso em: 22 maio 2022

SOUZA, Severino Ramos Lima de, FRANCISCO, Ana Lucia **Aproximações entre fenomenologia e o método da cartografia em pesquisa qualitativa** 6º Congresso Ibero Americano de Investigación Cualitativa >>Investigação Qualitativa em Saúde//Investigación Cualitativa en Salud//Volume 2 2017

TODA MATERIA. **O que é paisagem?** Toda Matéria. sd. Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-paisagem/> > Acesso em: 18 dez 2021

TURISTA IMPERFEITO. **Circuito da Poesia em Recife: a pé entre versos e melodias.** Turista Imperfeito. 2021. Disponível em: < <https://www.turistaimperfeito.com/circuito-da-poesia-em-recife/>> Acesso em: 13 novembro de 2021

VALENÇA, Alceu Paiva. **La Belle de Jour.** In: VALENÇA, Alceu. Sete Desejos. Mamulengo Querubim Edições Musicais Ltda. 1992.

VALENCA, Alceu Paiva. BARRETO, Vicente Moreira. **Pelas Ruas Que Andei.** In: VALENCA, Alceu. Cavalo de Pau. Universal Music Ltda. Warner Music Brasil Ltda. 1982.

VILELA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova.** 5. Ed. Recife, Editora Cepe, 2013. (1. Ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1984)

APÊNDICE I – OS TRÊS PRIMEIROS CAPÍTULOS DO LIVRO

[vou te manter seguro]

Capítulo 1 – rádio (Ra) - C43H66N12O12S2

-Atlas-

Me chame de atlas

Só pra eu saber que você reconhece todo o peso que sinto

.

Não faz ideia da carga emocional que eu tenho levado esses dias

Mas isso não tem sido um problema

A maior parte do tempo tenho ficado parado e respirado

Tentando controlar a situação

E esse otimismo que sinto tem funcionado

Minha última preocupação é que o céu possa desabar

É só você dizer que está comigo que eu seguro todo o resto

Não há nenhum problema nisso

Temos nossas forças individuais

Você segura todas as festas

Enquanto eu seguro todas nossas incertezas

Não é um problema você beber tudo que pode

Você aguenta o que acha que pode

O céu não é tão pesado e nem tão longe

Nada se compara quando você estava em meus braços

E eu não me imaginaria que estaria nesse melodrama

Eu tinha uma cama pra servir de apoio,

E eu tinha um copo e coração cheio

Você abria mais um vinho e me pedia pra ficar

Agora tem medo de ficar quando eu já fiquei

Atlas me invejaria por não poder te abraçar

Mas eu o invejo por conseguir segurar tudo (ou todo resto

-Furtos e Assaltos-

Esqueça sua bicicleta roubada e monta em mim
Posso tentar te proteger de tudo que te deixa assim

Não existem alarmes, nem mesmo segurança
Entre furtos e assaltos
O seu maior crime foi ter me deixado feliz

Sua carência é lembrada em momentos assim
É nessas horas que desejo que não deveríamos ter tido fim

Não existem alarmes, nem mesmo segurança
Entre furtos e assaltos
O seu maior pecado foi ter me feito feliz

Eu queimaria todo dinheiro pra te aquecer

*Porque si la mitad del mundo no te quiere
Contrataré la outra mitad para que te defienda
Aunque yo sea tu Pablo y tu mi'Hugo
Tu me estola así*

Não existem alarmes, nem mesmo segurança
Entre furtos e assaltos
O seu maior crime foi ter me deixado feliz

8°03'03.1"S, 34°57'13.6"W

8°03'03.1"S, 34°57'13.6"W

8°03'03.1"S, 34°57'13.6"W

[nem ela]
[clandestino]
[criminal]

Capítulo 2 – rádio (Ra) - C43H66N12O12S2

-Capivaras no mar-

-A bolsa de valores caiu. -A secretária abriu a porta espantada.

-É... Fiquei sabendo. -Respondi procurando uma melhor resposta.

-O que devemos fazer?

-Só esperar.

-Só?

-Eu tenho uma reunião daqui a pouco, depois eu vejo o que faço. Se algum investidor ligar... finja que a nossa conexão caiu junto com a economia.

A secretária parou pensando se eu estava sendo irônico ou não, mas deixei ao critério dela decidir o que fosse, não me importei.

Olhei pela janela do sétimo andar o Rio Capibaribe correr lentamente, o sol do Recife estava escaldante e tudo pareceria estar para baixo, até a maré.

Arrumei minha gravata lembrando do ar condicionado. Peguei minha mochila e me dirigi a sala de reunião.

-Por favor, não deixe ninguém me interromper. - Falei para secretária.

Fechei a porta, a janela da comprida sala ficava a frente de outra janela de outro prédio. Fechei as cortinas.

Sentei em uma das extremidades da mesa e abri o computador, escrevi o título "capivaras no mar", estava iniciada a reunião enquanto eu escrevia meu novo romance.

Não sabia o que escrever, mas eu gostava da metáfora das capivaras que se perdiam do rio e chegavam tão longe ao ponto de encontrarem o mar.

Eu precisava de algum estímulo... automaticamente tirei do meu bolso um pequeno saco com pó branco e não pensei duas vezes antes de cheirar um pouco.

Minhas narinas queimaram, mas eu não reclamei. Não tinha o que reclamar, eu estava criando todo o problema. Eu não precisava fazer as capivaras se perderem do rio para eu me sentir melhor... Na verdade, eu só não sabia qual solução dar para as coisas. Se a ordem dos fatores não altera o produto, eu sou a solução de qual problema?

-Senhor? A reunião já acabou?

-Na verdade eu interrompi, eu lembrei que preciso ir a outro lugar. Você poderia ir comigo?

Antes que ela respondesse, dei as costas e ela percebeu que não era uma pergunta, mas sim uma afirmação.

Temos um fluxo constante de sangue dentro de nós e da mesma forma que um motor causa explosões na gasolina para poder fazer um carro funcionar, assim eu sentia meu coração enquanto dividia sua atenção entre veias e artérias.

Você já parou para pensar quanta força existe para fazer o sangue subir do pé até a cabeça?

É um fluxo constante de esforço para seguir, sem saber se vai chegar. Buzinei forte quando o sinal fechou e eu previa um engarrafamento pela frente. Recife parecia ter uma sintonia com seus sentimentos, quanto mais caótico você se sentisse, mais a cidade assim estaria.

As buzinas estariam mais altas, e teriam mais acidentes, talvez uma chuva que parasse a cidade, e o rio...

-Para onde estamos indo? – Minha secretária perguntou.

-Quantos meses você trabalha na empresa?

-Sete meses.

-Sete?

-Sim.

-Pensei que era um ano e dois meses.

-O dobro de sete meses.

O sinal voltou a abrir e cantei pneus sem querer.

Em dias de marés altas o rio não recebia embarcações, porque assim não existia espaço para passarem dada a altura das pontes. E se caso o rio sempre se manter alto, não passarão mais embarcações e se um dia ele resolver apenas subir sem se importar onde pode chegar, existem grandes chances do Recife afundar sem necessariamente receber um tsunami.

Pasmem, eu estava afundando aos poucos. A nossa quantidade de sangue é baseada em 7% do nosso peso, e por algum motivo desconhecido, eu acho que esse meu percentual aumentava. Sentia meus órgãos boiando e meu coração bombearia tantas coisas, que precisaria de outro para que o ajudasse. Eu poderia suportar todos os tipos sanguíneos, positivos, negativos, raros, infectados...

Eu estava tão perdido que eu estava disposto a qualquer coisa para me encontrar.

Estacionei o carro.

-Chegamos. –Falei.

Minha secretária olhou para a praia e para os prédios da orla.

-Qual o endereço? –Perguntou.

-A areia.

-Como?

-Vamos pra areia antes que o óleo chegue primeiro que nós.

-Não estou entendendo.

-Apenas aproveita.

Sem dar atenção para suas dúvidas tirei meus sapatos e afundei os pés nos minúsculos grãos andando em direção das ondas.

O ar salgado me lembrou quantas noites eu não dormia, meus olhos arderam, mas eu tentava me sentir bem. Para quem não encontra o rio, o que é achar o mar?

-Senhor! Olhe isso! – Minha secretária apontou mais adiante e eu abri um sorriso com o cenário que eu via.

Comecei a escrever as primeiras palavras que me passavam pela cabeça, eu tinha em minha frente meu computador e uma grande mesa com sete lugares vazios. Eu podia ouvir de longe o telefone tocar por trás da porta...

Fechei abruptamente o computador e me levantei rápido, me arrumando para que ninguém percebesse algo.

Capivaras andavam tranquilamente em direção das ondas, era um grupo que tinha mais ou menos cinco, que se eu contasse com cuidado poderia ser um grupo de sete...

Elas não se importavam com a falta de grama, andavam despreocupadas como se tivessem acabado de sair de um hotel luxuoso de Boa Viagem. As primeiras receberam o impacto das ondas e seguiram na água, sem se importarem com os tubarões...

Existia perigo e principalmente existia calma.

Como se soubessem como reagir a qualquer movimento. Ou, pelo menos fingiam que saberiam como reagir. Será que essa é a solução? Fingir que está preparado para qualquer situação. E quando realmente acontecer...

Minha secretária parecia estar mais maravilhada do que eu, ela já tinha o salto pendurado nas mãos e levantado a calça até o meio das pernas. Ela só aproveitava o momento.

E quando realmente acontecer apenas aproveite cada segundo. Como carrapato que se desprende de uma capivara e quando chega em um humano continua picando sem saber que pode causar uma morte.

-O nome disso é folga. –Falei correndo em direção da água, deixando os sapatos para trás.

Eu não sei se tubarões poderiam nadar em água doce, mas eu não queria perder o exato momento que eles poderiam me pegar.

-Sete Cabeças-

Mas meu coração não esquece
E parece que não tem jeito
De acabar a festa antes que amanhece
E acalmar tudo no meu peito

Toda a noite você vai dançar
E esquecer que o mundo existe
É melhor você ignorar tudo ao seu redor
Pra não me ouvir falar
O quanto tenho evitado ficar triste

Desapareça de tudo que me resta
Eu quero salvar minha cabeça

Enquanto o dia não acordar
E eu, me esqueça, de tudo que me deixa nessa...
Fantasia que tudo vai melhorar
E eu acompanho seus passos nessa festa
Enquanto tudo não sai da pior
Eu tenho que cantar tudo que eu sinto
Quem sabe assim eu meloro
E você não me faz mais perder os meus sentidos

E tudo o que você tem feito
Talvez ninguém mereça
E nem você mesmo
Que tanto tem desejado que sua mente cresça

Desapareça de tudo que me resta

Eu quero salvar minha cabeça

Enquanto o dia não acordar

E eu, me esqueça, de tudo que me deixa nessa...

Fantasia que tudo vai melhorar

E eu acompanho seus passos nessa festa

Enquanto tudo não sai da pior

Eu preciso cantar tudo que eu sinto

Quem sabe assim eu melhoro

E você não me faz mais perder meus ruídos

Mas você não fez nada, eu que fiz um bicho de sete cabeças

Mas você não fez nada, eu que fiz um bicho de sete cabeças

Mas você não fez nada, eu que fiz um bicho de sete cabeças

Mas você nunca fez nada...

...desapareça, antes que eu esqueça.

-Amor, Nódulos, Dor, Rastros, elÉtrons-

-Você não precisa ir embora quando quiser ficar.

-Eu não quero ir. –Os olhos se mexeram envergonhados. –Mas infelizmente tenho que ir para o trabalho.

-Você volta?

-Uhum.

-Me faça esse favor.

-Qual?

-De voltar sempre que der. –Houve risos. –Você se sente confortável aqui?

-Não muito. Geralmente sinto palpitações no coração e meu estômago fica de cabeça para baixo, por conta da ansiedade. Porque é estranho quando você vive algo que sempre quis, então não sei como reagir.

-Caso algum dia você perca o sono, pode me acordar, certo?

-Pode ser.

-Podemos ficar conversando até você pegar no sono.

-Sabe algo engraçado?

-O que?

-Quando estou aqui a última coisa que quero é dormir, então não me importo em perder o sono.

-Por que?

-Dormir é perda de tempo. Posso dormir em casa, ou no ônibus, ou em qualquer outro local. Mas você não está fisicamente em todo lugar.

-Para com isso. –Os dois ficaram envergonhados.

-Eu prefiro passar a noite acordado ouvindo você respirar alto do que passar o dia ouvindo barulho de trânsito.

-Eu queria poder dizer o mesmo, mas vivo em um sono constante.

-Não tem problemas. Você estando perto é o suficiente.

-Até mesmo morto?

-É uma opção?

-Não está muito longe. Recife anda muito violento.

-Alguém pelo visto quer me assustar.

-Verdade, acho que não quero mais te deixar sair. Vem cá.

Alguém foi puxado e antes que caíssem de volta a cama, o planeta explodiu em seu tão esperado apocalipse... ou apenas um ônibus na rua da frente que perdeu o controle e colidiu contra a parede do quarto.

[estou apaixonado por você, desculpe]
[esquecimento]
[armadilha]

Capítulo 6 – rádio (Ra) - C43H66N12O12S2

-Até Ontem-

Você não gostava de amarelo até ontem
E eu não sei mais o que é o certo
Você diz que é a cor que eu usei
Quando te vi pela primeira vez
E você me quer ver de novo e de novo
Você me chama e eu vou mais um pouco
E quando eu penso em cair, eu já estou perto do chão e eu ainda digo não

Porque você não gostava de mim até ontem
Eu não sei se isso é certo
Você diz para eu não ir
E isso me deixa feliz, eu não sei o que sentir
E você está indo fundo e mais fundo
Você mergulha e eu acompanho
E quando eu penso em não ter culpa, eu já sou o réu em meu julgamento

Porque eu não gostava de você até ontem
E eu não me sinto certo
isso é muito mais antigo que você pode pensar
Quando eu mesmo nasci...
Minha insegurança nasceu comigo
Eu chorava por medo e agora choro porque não acho sentido
Em amar alguém em tão pouco tempo
Devolva o meu tempo

Porque eu não te conhecia até ontem

-Atenção???????

Estou chamando atenção

Estou chamando sua atenção

Porque você me ensinou que atenção é tudo no seu mundo

E minha carência não me dá paz por um minuto

Estou chamando meu ego

Não beber me faz saber a hora de parar

E todo bar que eu fecho

Não se compara ao que Rossi tem que cantar

Me perguntam porque não bebo

E respondo que não quero

Mais um motivo que me faça gritar

Porque eu sei que não vão parar

De curtir a sua festa

Numa tentativa de me fazer ficar melhor

E sóbrio subo a música

Escuta um pouco mais do que pensa

E eu tenho continuado sóbrio,

Dançando fingindo que nada me interessa

Foi por isso que eu não fiquei mais interessante?

Eu precisava ter algo no meu sangue?

Mas suas desculpas não ajudam

Alguém que morre pelo o que pensam

-+501 192-

-Central telefônica, boa tarde.

-O número de sempre.

tengo que huir

y hablar de otras cosas

Por que sua cabeça te faz pensar que é tão mal?

pero yo no pienso en política

¿Qué es la envidia?

podria estar a mi lado

pero vivo borracho

Com suas colocações sobre a vida,

que prefere ser perguntas a respostas, por quê?

escucho sangre (vale), llorar en el fuego

comeré piel (vale), venas de vino (dímelo)

¿y quieres estar a mi lado?

el hombre tirano(8)

Porque somos uma falha experimental.

juego ojos (vale), duermo poco

extraño a mi (vale), km en el pecho (habla!)

¿Es esto en lo que quieres estar?

el hombre tirano(8)

E mesmo com as respostas da vida,

podemos mudar nossas definições,

mas você prefere ser esse porquê.

el hombre tirano(8) [estática]

APÊNDICE II – ENTREVISTA COM O FOTÓGRAFO SANDIR COSTA³

Nome completo: Sandir Barros Costa
Data de nascimento: 17/05/1990
Cidade de nascimento: Recife
Cidade em que reside: Jaboatão dos Guararapes
Ocupação artística: Fotógrafo

Focado no artista (você)

Quais são suas principais inspirações para a produção de arte?
A vida cotidiana, exemplificações do real. Gosto muito de observar situações reais de nossa sociedade. Questões sociais também me instiga bastante.
Quais mecanismos você utiliza para buscar inspirações e referências?
O trabalho de observação principalmente. Gosto de antes de fazer minhas imagens visitar o local para estudar as situações que podem interferir e contribuir na produção.
Do seu modo, defina a cidade do Recife:
Caos urbano. Muitos problemas sociais agregados como trânsito, saneamento, diferença de renda que em somatório com outras situações propaga o abismo social em que vivemos. Esse é o retrato de Recife para mim. Muita beleza, porem acaba sendo uma casca que máscara a realidade.
Com você poderia descrever sua experiência com município do Recife?
Muito intenso. Vivo e faço parte da parcela da população que utiliza todos os modais de transporte nessa cidade, logo tenho todo tipo de vivencia e experimentações que essa cidade pode proporcionar. Acredito ter rodado todas as macro regiões e bairros do Recife.
Você poderia citar interferências, referências e/ou inspirações que a cidade toca em sua arte?
Pra mim o litoral do recife acaba sendo fonte de inspiração pois tudo que cito acima pode ser encontrado em nossa faixa litorânea. Partindo do de Boa viagem com sua mobilidade e concentração de renda passando pelo Pina sendo um meio termo desse poderio até chegando em Brasília teimosa e adjacências onde podemos mer. uma concentração de renda diferenciada desses outros bairros. Todos eles com suas vivenciam particulares mesmo com toda proximidade geográfica.
Você poderia citar o trabalho de dois artistas da região? Um que você já considera como conhecido e outro que deveria ser.
Beto Lima fotografo conhecido e reconhecido por suas fotografias e Sandir Costa desconhecido.
Como você vê a arte atualmente na cidade do Recife? (por se tratar de uma indústria complexa e com várias nuances e camadas, se concentre naquele(s) que mais lhe chamam atenção)

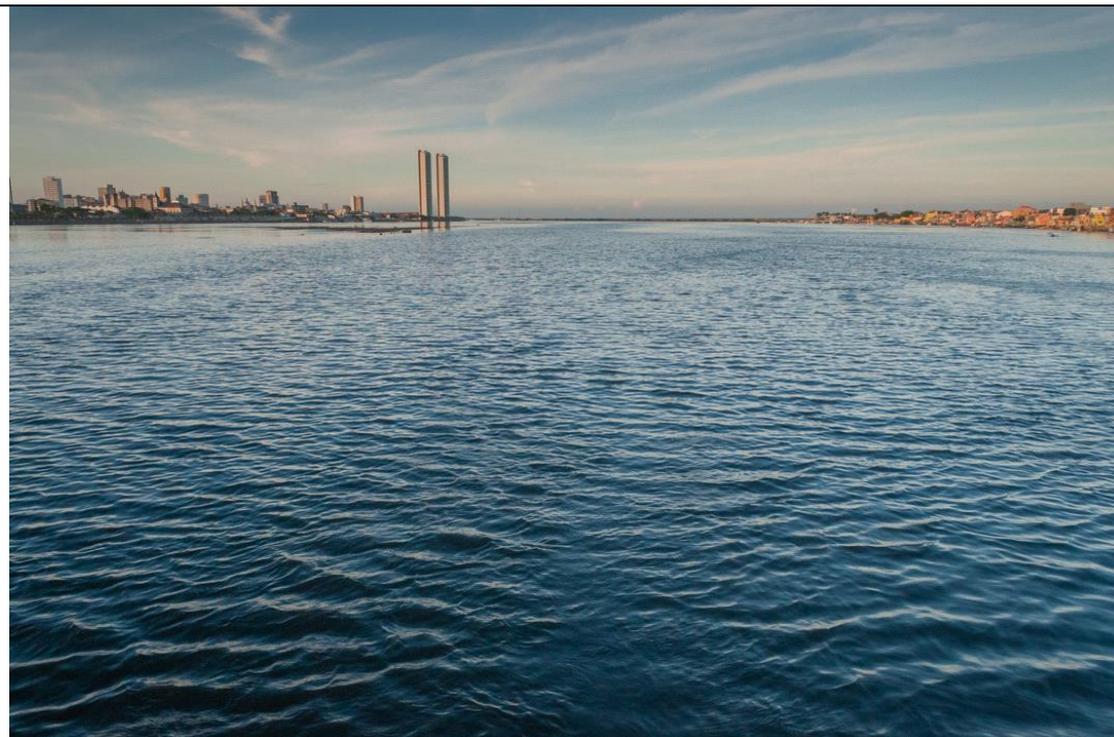
³ Entrevista com minhas marcações durante o desenvolvimento do método cartográfico para que os tópicos deste trabalho fossem criados e desenvolvidos. Considero importante deixar esses grifos para que possam perceber por onde me norteiei no embasamento inicial das categorias desenvolvidas.

A arte em Recife segue uma logística de retroalimentação onde artistas podem e devem beber de fontes variadas e isso complementam suas produções.

Focado na obra: Você Abriu Meu Coração – A Experiência
 É proposto a leitura de três textos do livro: *Boca de Urna*, *Sereias* e *eSqueleto*
 e *Capivaras no Mar*.

Registre, do seu modo, sensações, impressões ou qualquer visão que a leitura lhe permitiu.
Consegui associar muito minhas lembranças imagéticas da cidade do Recife nas referências do transpassadas textualmente. Aquele sentimento de familiaridade.
Para você, como a obra se relaciona com a cidade do Recife?
Achei fidedigna para mim que sou nativo daqui. Me senti dentro de recortes dentro da cidade.
Você consegue pontuar marcas da cidade nos textos lidos?
Com certeza. Rio Capibaribe, Caxangá, Tubarão e essa situação de ataques. Marco zero, Revolução praieira, Torre Malakoff entre outros que são relatadas nos textos.
Como a cidade é vista nesses textos?
Sempre como um ponto de referência para as situações colocando o leitor dentro do ambiente, sendo ele conhecedor da cidade acaba entrando em cena por meio da imaginação.
Destaque uma citação de um dos textos e discorra, brevemente, do seu modo e com seus “olhos artísticos”.
"-O nome disso é folga. –Falei correndo em direção da água, deixando os sapatos para trás." Gosto muito desse trecho pois ele é um ponto de virada para todo momento de tensão que os personagens proporcionaram durante todo o texto que antecedeu essa parte.
Para cada texto lido, poderia renomeá-los e justificar o porquê dos novos títulos sugeridos por você?
Sem alterações também.
Qual outro título você poderia dar para a obra final já chamada "Você Abriu Meu Coração - A Experiência"? Por que escolheu este outro título?
Eu amei esse título que foi dado. Sem alterações.

Você poderia deixar uma breve “demonstração artística” que esta pesquisa lhe fez sentir? Fique livre para se expressar através de palavras, frase, versos, rabiscos, da forma que você quiser registrar, sem necessariamente se limitar ao seu campo artístico.



Bacia da Pina



Brasília teimosa (Praia do Buraco da veia) com Pina e Boa viagem ao fundo e seus contrastes



Contraste em ambiente de praia

APÊNDICE III – ENTREVISTA COM O CANTOR E COMPOSITOR WEL⁴

Nome completo: Wellington Constantino de Oliveira
Data de nascimento: 05/06/1994
Cidade de nascimento: Cajatí
Cidade em que reside: São Paulo (atualmente, após mais de 20 anos no Recife)
Ocupação artística: Cantor e Compositor

Focado no artista (você)

Quais são suas principais inspirações para a produção de arte?
Desilusões e amor
Quais mecanismos você utiliza para buscar inspirações e referências?
Busco conhecer nomes novos no mercado fonográfico, ouvir bastante artista que faça o tipo de som que quero transmitir para a música.
Do seu modo, defina a cidade do Recife:
Recife caminha numa linha tênue entre paixão e blasé, não se importa com os seus da cidade e prefere dar valor aos de fora, a cidade caminha para uma privação social e cultural ao mesmo tempo que produz os artistas mais talentosos.
Com você poderia descrever sua experiência com município do Recife?
Decepcionante, como pode uma cidade que respira cultura ser tão seleta e elitista?
Você poderia citar interferências, referências e/ou inspirações que a cidade toca em sua arte?
Apesar de todo desgaste cultural que Recife proporciona para seus artistas locais , o estado de Pernambuco é muito rico em diversidade artística, sonora e isso acaba se tornando referência direta nas minhas músicas.
Você poderia citar o trabalho de dois artistas da região? Um que você já considera como conhecido e outro que deveria ser.
Cantor China e o escritor Douglas Albuquerque
Como você vê a arte atualmente na cidade do Recife? (por se tratar de uma indústria complexa e com várias nuances e camadas, se concentre naquele(s) que mais lhe chamam atenção)
GUERREIRA, acho que é a única coisa que consigo pensar sobre a arte em Recife, vivemos diariamente batalhando contra todo um “sistema” que diz quem deve ter destaque e quem não e mesmo assim os artistas conseguem se sobressair.

Focado na obra: Você Abriu Meu Coração – A Experiência
É proposto a leitura de três textos do livro: Boca de Urna, SereiaS e eSqueletoS e Capivaras no Mar.

Registre, do seu modo, sensações, impressões ou qualquer visão que a leitura lhe permitiu.
--

⁴ Entrevista com minhas marcações durante o desenvolvimento do método cartográfico para que os tópicos deste trabalho fossem criados e desenvolvidos. Considero importante deixar esses grifos para que possam perceber por onde me norteiei no embasamento inicial das categorias desenvolvidas.

Inquietude, emoção, identificação, foram algumas coisas que senti ao ler os textos tão sutis, mas profundos. Me vi no primeiro texto, mas ai chegar no segundo me identifiquei 100%, enfim! Envolvente e sagaz.
Para você, como a obra se relaciona com a cidade do Recife?
Os textos possuem suas singularidades que nos fazem pensar em nosso dia a dia, sentimentos, vivências e experiências, a conexão com a cidade de Recife está exatamente no que temos e não damos valor, no desespero que sentimos e não prestamos atenção ao nosso redor, nos detalhes que passam despercebidos diante de nossos olhos. Exatamente como Recife é: Desesperador.
Você consegue pontuar marcas da cidade nos textos lidos?
Como a cidade é vista nesses textos?
Destaque uma citação de um dos textos e discorra, brevemente, do seu modo e com seus "olhos artísticos".
("Eu vi o mundo... Ele Começava no Recife"; mas foi a partir dos seus olhos que eu vi tudo se destruir.) – A parte do texto que mais me pegou, nele conseguimos sentir a solidão, a dor, a necessidade pelo outro e através dos "olhos" o coração partido.
Para cada texto lido, poderia renomeá-los e justificar o porquê dos novos títulos sugeridos por você?
Não consigo pontuar mudanças nos títulos, pois fazem muito sentido aos textos, ao iniciar ficamos nos perguntando o pq daquele título, mas quando terminamos tudo faz sentido, principalmente o (B)(O)(Ca) de (U)r(Na), a forma com que o título nos leva para um caminho e o texto nos leva para outro, para no fim eles se encontrar e tudo fazer sentido é perfeito.
Qual outro título você poderia dar para a obra final já chamada "Você Abriu Meu Coração - A Experiência"? Por que escolheu este outro título?
O livro fala sobre saudade, dependência emocional, <i>ghosting</i> , sobre identificar feridas, saber e tentar cura-las, o nome do livro identifica exatamente essas nuances. A experiência de ter um coração "aberto", "ferido", "não pertencente" passeia pelos textos.

Você poderia deixar uma breve "demonstração artística" que esta pesquisa lhe fez sentir? Fique livre para se expressar através de palavras, frase, versos, rabiscos, da forma que você quiser registrar, sem necessariamente se limitar ao seu campo artístico.
<p>Perco os sentidos O meu juízo</p> <p>Solidão, Emoção, Coração</p> <p>sem destino</p> <p>Perco o ar Sem te encontrar</p>

Perco o abrigo
Das tuas mãos
Sem perdão

O meu abismo

APÊNDICE IV – ENTREVISTA COM O DESIGNER JOÃO⁵

Nome completo: João Chlaudsson José da Silva
Data de nascimento: 24/06/1999
Cidade de nascimento: Recife
Cidade em que reside: Abreu e Lima
Ocupação artística: Artista Visual

Focado no artista (você)

Quais são suas principais inspirações para a produção de arte?
Além da motivação em tá comunicando algo, tá produzindo algo que impacte o outro, as principais inspirações partem das minhas vivências. Da forma como eu vejo o mundo e principalmente na forma como o mundo reage à minha existência. Então situações, percepções, pessoas, emoções, acabam inspirando produções únicas.
Quais mecanismos você utiliza para buscar inspirações e referências?
De forma mais direta, com o objetivo de buscar referência mesmo, Behance e Pinterest. E de uma forma mais indireta, misturado com lazer também, por meio de filmes, séries, jogos, livros, músicas, exposições e etc.
Do seu modo, defina a cidade do Recife:
Linda, poética, nítida em sua desigualdade e culturalmente única.
Com você poderia descrever sua experiência com o município do Recife?
É uma experiência de ciclos e de liberdade também. Percebo que mesmo não morando no município, o Recife acabou sendo um marco para diversas liberdades que obtive ao longo do tempo. Então foi iniciando um curso no Recife que passei a andar de ônibus todos os dias, a ter a liberdade de me locomover sozinho, e saber fazer isso na adolescência. E após isso, cada nova fase acabava voltando para o Recife de alguma forma.
Você poderia citar interferências, referências e/ou inspirações que a cidade toca em sua arte?
A riqueza artista da cidade, o fato dela ser muito agitada e ao mesmo tempo acolher com uma calma contemplativa da arte , da história, da beleza da cidade interfere nas minhas inspirações e também no repertório de referências artísticas.
Você poderia citar o trabalho de dois artistas da região? Um que você já considera como conhecido e outro que deveria ser.

⁵ Entrevista com minhas marcações durante o desenvolvimento do método cartográfico para que os tópicos deste trabalho fossem criados e desenvolvidos. Considero importante deixar esses grifos para que possam perceber por onde me norteiei no embasamento inicial das categorias desenvolvidas.

Ubira Machado, artista visual e muito reconhecido por suas fotografias super produzidas e cheias de conceitos. Quanto a um artista que deveria ser mais conhecido, gostaria de dizer, você mesmo. Douglas Albuquerque, que além desses três textos super bem escritos e cheios de originalidade, tem um livro vindo por aí e que com certeza vai garantir uma base firme para que seu trabalho só cresça e alcance mais pessoas.

Como você vê a arte atualmente na cidade do Recife? (por se tratar de uma indústria complexa e com várias nuances e camadas, se concentre naquele(s) que mais lhe chamam atenção)

por incrível que pareça, mesmo sendo uma indústria, a parte mais pro lado comercial tem sido deixada de lado quanto a oportunidades. Abertura a novos artistas. Pois o que vejo são eventos que abrem as portas para novos artistas e principalmente, instituições já estabelecidas do Recife abrindo debates, diálogos e oficinas com foco na produção artista, de diversas vertentes. Então a cena atual do Recife, na minha opinião, além de muito rica, é também democrática e oportuniza quem pretende se mostrar enquanto artista. Claro, que ainda tem muito o que melhorar e avançar.

Focado na obra: Você Abriu Meu Coração – A Experiência
É proposto a leitura de três textos do livro: Boca de Urna, SereiaS e eSqueletoS e Capivaras no Mar.

Registre, do seu modo, sensações, impressões ou qualquer visão que a leitura lhe permitiu.

Senti a impressão do pertencimento, de saber dos lugares, das emoções das personagens e poder me colocar mais próximo do que acontecia com eles. O que ajudou na visão da minha própria vida, da minha trajetória e de como eu encaro a vida. Por estar praticamente todo dia pelo Recife e por conseguir essa proximidade com a narrativa apresentada.

Para você, como a obra se relaciona com a cidade do Recife?

A obra não está ligada ao Recife por questões de localidade, citando prédios, ruas, pontes, rios, avenidas... mas principalmente com o tipo de vida que temos por aqui. Essa rapidez que tudo acontece, a calma que só é possível em alguns momentos, em algumas localidades, a vida noturna dos bares, e claro, os amores. Acho que a maior ligação que se pode ver da cidade com a obra, é em relação aos sentimentos. Sentido por ela ou compartilhados com ela, vivenciados nela, marcados nela. Isso é muito bem exemplificado no trecho: "Meu problema foi te amar tanto como eu amo essa cidade!"

Você consegue pontuar marcas da cidade nos textos lidos?

Conhecimento, crescimento, curiosidade, admiração, vida agitada, e principalmente marcas relacionadas a amor e saudade.

Como a cidade é vista nesses textos?

A cidade é vista como um ambiente rico de experiências, novas eu já conhecidas, e então revisitadas. É vista como muito turbulenta e rápida em todos os sentidos. Cheia de arte e sentimentos profundos em cada ponte, viaduto, rio, ondas do mar, ônibus, bares... é vista como uma cidade viva, que te convida para viver uma aventura.

Destaque uma citação de um dos textos e discorra, brevemente, do seu modo e com seus “olhos artísticos”.

"Você não precisa saber da existência do beijo para sentir vontade de beijar. " fala da personagem principal do texto SeriaS & eSqueletoS, que demonstra de forma poética a busca e a vontade de viver algo novo sem que se tenha consciência, sem que se saiba exatamente o que seria esse novo. Ela diz isso logo após falar que não sabia da existência de todos os rios que cortam o Recife, e que gostaria de nadar em todos eles. E até se questiona sobre uma possível ausência deles. Ao meu ver, essa foi uma forma poética de falar que temos muito o que conhecer e viver. Seja no Recife ou nos rios das nossas emoções, nos mares da nossa lembrança. Que vale a pena se empolgar e explorar novos caminhos, novos saberes, novos lugares, pessoas... que vale a pena agarrar e exaltar o que temos aqui e agora. Pois não sabemos como será com a ausência deles.

Para cada texto lido, poderia renomeá-los e justificar o porquê dos novos títulos sugeridos por você?

Achei os títulos dos três textos muito bem feitos, nada óbvios, que tem a ver com a história e ao mesmo tempo não é uma descrição resumida ou algo do tipo. Foram nomes criativos. E como não sou tão criativo para nomes, não consegui pensar em três nomes diferentes que funcionem tão bem quanto. Talvez o título "Construa" ou "Contrição" para o Boca de Urna. Se referindo a construção do personagem graças a cena cultural de Pernambuco, e a construção de muito que ele teve através dos olhos do outro. Aonde Recife começava, e que no final teve que ser destruída.

Qual outro título você poderia dar para a obra final já chamada "Você Abriu Meu Coração - A Experiência"? Por quê escolheu este outro título?

Também não daria outro título para a obra, foi uma boa escolha e não imagino forma melhor de destacá-la além do título escolhido.

Você poderia deixar uma breve “demonstração artística” que esta pesquisa lhe fez sentir? Fique livre para se expressar através de palavras, frase, versos, rabiscos, da forma que você quiser registrar, sem necessariamente se limitar ao seu campo artístico.

Me fez refletir e sentir, a honra de contribuir com um projeto lindo, autoral e tão íntimo e próximo de todos.

APÊNDICE V – ENTREVISTA COM O CINEASTA PEDRO FERREIRA⁶

Nome completo: João Pedro Ferreira dos Santos
Data de nascimento: 31/12/1997
Cidade de nascimento: Recife
Cidade em que reside: Recife
Ocupação artística: realizador audiovisual e produtor cultural

Focado no artista (você)

Quais são suas principais inspirações para a produção de arte?
Contar uma história, passar uma experiência, induzir algo, fazer algo, movimentar.
Quais mecanismos você utiliza para buscar inspirações e referências?
Maconha, as referências geralmente aparecem, quando eu preciso fazer uma pesquisa específica eu foco em tentar passar uma peneira para poder direcionar referências, mas geralmente eu deixo me levar pelas coisas que me chamam atenção, geralmente eu mantenho uma rotina de filmes e música. Mas também tiro um momento de estudo em cinema.
Do seu modo, defina a cidade do Recife:
Capital do nordeste, porém completamente deixada ao léu pelo governo desleixado do PSB
Com você poderia descrever sua experiência com município do Recife?
Grato, apesar de sentir que foi uma experiência que me esgotou , difícil enxergar o que mais aproveitar nessa cidade
Você poderia citar interferências, referências e/ou inspirações que a cidade toca em sua arte?
A luz amarela dos postes, as ruas, as praias que são muito feias, a arquitetura da Guararapes, aqueles prédios imensos que lá em cima tem varandas que nunca vi ninguém passar, a rua do Apolo, o parque das esculturas, o parque da jaqueira. Todos esses lugares já me marcaram artisticamente pelas vivências que foram feitas neles.
Você poderia citar o trabalho de dois artistas da região? Um que você já considera como conhecido e outro que deveria ser.
Fefa Lins
Como você vê a arte atualmente na cidade do Recife? (por se tratar de uma indústria complexa e com várias nuances e camadas, se concentre naquele(s) que mais lhe chamam atenção)
Sobrevivendo, um momento muito complicado economicamente, mas vejo que estamos a caminho de retomar um bom artístico que aconteceu a alguns anos atrás, sinto que o momento atual é um momento de encubação, um dos momentos de transição, de construção, vejo pessoas se movimentando com várias limitações e vejo outras querendo se movimentar. Espero que em breve as condições estejam melhores para as centenas de artistas da cidade poderem se mostrar.

⁶ Entrevista com minhas marcações durante o desenvolvimento do método cartográfico para que os tópicos deste trabalho fossem criados e desenvolvidos. Considero importante deixar esses grifos para que possam perceber por onde me norteiei no embasamento inicial das categorias desenvolvidas.

Focado na obra: Você Abriu Meu Coração – A Experiência
 É proposto a leitura de três textos do livro: *Boca de Urna*, *SereiaS* e *eSqueletoS* e *Capivaras no Mar*.

Registre, do seu modo, sensações, impressões ou qualquer visão que a leitura lhe permitiu.
Eu gostei, achei gostoso, fazia um tempo que não me deparava com um conto dessa forma.
Para você, como a obra se relaciona com a cidade do Recife?
São contos bem geográficos né, com elemento de bairros, avenidas, ônibus. Momentos históricos, até personagens (Dorival e capivaras), mas isso são elementos que englobam a narrativa de forma orgânica ou até mesmo são a própria narrativa.
Você consegue pontuar marcas da cidade nos textos lidos?
Boa Viagem, Caxangá, Revolução Praieira
Como a cidade é vista nesses textos?
Ela é um ponto central nos eixos dos personagens, é como desempenhasse o papel de um <i>background ativo</i> , no qual que se relaciona com os personagens. Me lembra o filme ROMA
Destaque uma citação de um dos textos e discorra, brevemente, do seu modo e com seus "olhos artísticos".
Para cada texto lido, poderia renomeá-los e justificar o porquê dos novos títulos sugeridos por você?
-SereiaS & eSqueletoS (um poema sobre saudades) - acho que não curti esse título, mas eu sou pior ainda em definir títulos
Qual outro título você poderia dar para a obra final já chamada "Você Abriu Meu Coração - A Experiência"? Por que escolheu este outro título?

Você poderia deixar uma breve "demonstração artística" que esta pesquisa lhe fez sentir? Fique livre para se expressar através de palavras, frase, versos, rabiscos, da forma que você quiser registrar, sem necessariamente se limitar ao seu campo artístico.
Eu gostei de poder ler os contos, <i>ativou um saudosismo recifense a muito parado</i> , falar sobre recife virou um tópico cansado para mim, mas os textos refrescaram isso.

Escute a playlist que tomou forma com esse trabalho:

<https://open.spotify.com/playlist/1z9BC7jS8yb0WNVGtS0ZPB?si=41759cf118cc4303>